



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

LARISSA MATTOS DINIZ

**O CLUBE NEGRO DE LONDRINA:
UMA EXPERIÊNCIA CONTRADITÓRIA**

Londrina
2015

LARISSA MATTOS DINIZ

**O CLUBE NEGRO DE LONDRINA:
UMA EXPERIÊNCIA CONTRADITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Baltar.

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

D585c Diniz, Larissa Mattos.

O Clube Negro de Londrina : uma experiência contraditória / Larissa Mattos
Diniz. – Londrina, 2015.
69 f. : il.

Orientador: Ronaldo Baltar.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Clube Negro (Londrina, PR) – Teses. 2. Associação Recreativa
Operária de Londrina – Teses. 3. Movimento negro – Teses. 4. Racismo – Teses.
5. Ciências sociais – Teses. I. Baltar, Ronaldo. II. Universidade Estadual de
Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 323.13(=96)

LARISSA MATTOS DINIZ

**O CLUBE NEGRO DE LONDRINA:
UMA EXPERIÊNCIA CONTRADITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Baltar
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Petrônio José Domingues
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Profa. Dra. Maria José de Rezende
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 10 de junho de 2015.

Aos negros e negras que vieram e lutaram antes de mim e àqueles que ainda virão.

DINIZ, Larissa Mattos. **O clube negro de londrina: Uma experiência contraditória.** 2013-2015. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar como se deu a construção do pensamento em que se pautou a escolha do Clube Negro de Londrina por uma política de intervenção disciplinada. Essa política iniciou nas organizações negras no início dos anos de 1930, com a Frente Negra Brasileira e sua aproximação com o movimento integralista. O precursor do movimento em Londrina, Cypriano Manoel, chegou a Londrina em 1934, mas, vivera em São Paulo e Campinas, cidades que foram palco das primeiras organizações negras do Brasil, após a abolição, onde participou de movimentos congêneres. O Clube Negro de Londrina foi possível em 1937, pela experiência trazida dos grandes centros por Cypriano Manoel. Foi um movimento de vanguarda no combate ao racismo e na discussão racial em Londrina. Propunha uma série de objetivos beneficentes que pudesse abarcar o máximo da população negra da cidade, no entanto, quando finalmente pôde ter a possibilidade estrutural de concretizar os objetivos, seus posicionamentos e suas alianças podem ter feito com que se tornasse uma organização de identidade fechada e enraizada em conceitos metafísicos de raça e nação organizados por uma concepção orgânica e autoritária. Em geral, os estudos sobre boa parte das organizações ou entidades negras destacam suas vitórias na luta contra o racismo e por melhores condições de vida para os brasileiros negros, pois foram amadurecendo.

Palavras-chave: Clube Negro. Intervenção disciplinada. Racismo. Londrina.

DINIZ, Larissa Mattos. **The club londrina black**: a contradictory experience. 2013-2015. 69 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the construction of thought which marked the choice by a policy of disciplined black Club intervention of Londrina. This policy began in the black organizations in the early years of 1930, with the Brazilian black Front and its rapprochement with the integralist movement. The precursor of motion in Londrina, Londrina, arrived in Cypriano Manoel in 1934, however, lived in city like São Paulo and Campinas, cities that were stage of the first black organizations of Brazil, after the abolition, where he participated in similar movements. The Club Londrina black was possible in 1937, the experience was of great centers by Cypriano Manoel. Was an avant-garde movement in combating racism and racial discussion in Londrina, proposed a series of charitable purposes that could encompass much of the black population of the city, however, when they finally may have the possibility to achieve the structural objectives, their positions and their alliances may have done with that became a closed identity and organization rooted in metaphysical concepts of race and nation organized by an organic design and authoritarian. In General, studies on most black organizations or entities include victories in the fight against racism and for better living conditions for the Brazilians, because blacks were ripening.

Keywords: Black Club. Disciplined intervention. Racism. Londrina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Edição do jornal o Estado de São Paulo, de 28 jun. 1936.	16
Figura 2 -	Última página da edição do Jornal Paraná-norte, de 28 jun. 1935.	17
Figura 3 -	Vista parcial da cidade de Londrina, 1934.	20
Figura 4 -	Festividade no clube redondo, de 11 jun. 1938.	22
Figura 5 -	Um dia de trabalho na derrubada da mata, 1937.	31
Figura 6 -	Passeata da comitiva de getúlio vargas a Londrina.	35
Figura 7 -	Festividade de inauguração da sede da AROL, 1958.	43
Figura 8 -	A comemoração do 13 de maio para as crianças na AROL.	52
Figura 9 -	Parque infantil da sede da AROL.	53
Figura 10 -	Interior da sala de aula da escola AROL.	54
Figura 11 -	Coroação da rainha negra da AROL.	55
Figura 12 -	Manifestação nas ruas de Londrina no 13 de maio de 1960.	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AROL	Associação Recreativa Operária de Londrina
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrata
FNB	Frente Negra Brasileira
TEN	Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	LONDRINA, PR: MAIS UMA REALIDADE CONTRADITÓRIA	14
	Contextualizando a cidade da promessa	14
	Discussão sobre a formação do Clube Quadrado	23
	Sociedade Beneficente Princesa Isabel	28
	Cypriano Manoel , a liderança da comunidade negra dos anos de 1930 a 1964.....	30
3.	ASSOCIAÇÃO RECREATIVA OPERÁRIA DE LONDRINA - AROL	41
	A AROL e a questão da educação	48
	A recreação na AROL.....	55
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POLÍTICA INTEGRALISTA DA AROL	58
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXOS	75

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a trajetória da Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL e sua experiência como uma organização negra em um contexto de combate ao racismo nos anos de 1930 a 1970 em Londrina. Esta pesquisa se justifica quando levamos em conta a importância da produção de trabalhos que possam compor um dossiê que possibilite a (re)construção do imaginário que a sociedade tem a respeito do negro. Após a abolição, todos os estereótipos em relação ao negro foram mantidos. Nesse sentido, o processo de resistência e luta negra teve que tomar outras formas. O fato de terem sido libertados pela utilização da lei não garantia aos negros compartilhar em pé de igualdade com os brancos os mesmos direitos de fato, e os negros teriam muito menos oportunidade de transpor a condição a que foram submetidos, inclusive com relação a esses estereótipos.

É nesse sentido que os negros no Brasil tiveram que possibilitar por si mesmos melhores condições de acesso aos setores sociais e elaborar uma forma de construir positivamente a ideia sobre o negro, assim proliferaram clubes e organizações negras por vários estados brasileiros. Esses coletivos negros eram criados sob diferentes caracteres: político, recreativo, literário etc. Eram movimentos para maior participação dos negros na vida nacional sem deixar de enfatizar a dimensão racial pela qual foram criados. É nesse contexto que a experiência da AROL se constituiu como um importante espaço de sociabilidade e reflexão da comunidade negra de Londrina em busca de afirmar sua negritude. Os principais objetivos que motivaram esta pesquisa foram a possibilidade de analisar a trajetória da organização da população negra em Londrina e estudar a experiência da Associação de Recreação Operária de Londrina para perceber se a AROL estava em consonância com outras organizações negras que existiram no Brasil.

O processo metodológico deste trabalho foi iniciado com uma pesquisa bibliográfica sobre os clubes e as organizações negras no Brasil. Foi preciso realizar uma pesquisa nos periódicos da cidade que datam de 1940 a 1968 para reconstruir o contexto político-econômico no qual a AROL estava inserida. Também foram realizadas entrevistas em profundidade sobre a experiência dos negros associados

na AROL. Os dados utilizados neste trabalho também foram obtidos pelo acesso a um rico material iconográfico concedido por um membro da diretoria da AROL. Como um processo de reconhecimento de sua própria história, os negros que se organizavam na AROL buscaram proporcionar a recreação de seus integrantes, sobretudo, possibilitar maiores condições para que os negros tivessem acesso ao conhecimento que historicamente lhe fora negado.

Ao objetivar apreender a formação da AROL, foi possível perceber como se constituiu sua ação reivindicatória, especialmente como seu instrumento de luta e organização estava, sim, em consonância com as outras organizações negras. A elaboração do plano educacional da escola AROL nos anos 1950 sistematizou os primeiros objetivos pelos quais o Clube foi criado, bem como quais seriam as principais contribuições que o Clube Negro deixaria para a cidade de Londrina. A AROL durou até o início dos anos de 1970, no entanto a memória de sua luta e organização possibilita que a sociedade faça novas leituras da história do negro e, assim, repense determinações e práticas que possam contribuir no combate ao racismo.

Procurou-se neste trabalho destacar o contexto em que os trabalhadores negros dos anos de 1930 sentiram a necessidade de se organizarem em uma associação recreativa e seu significado na construção de uma identidade positiva do negro em Londrina. Atualmente vem sendo realizado um baile de celebração à memória do Clube negro e de seu líder Manoel Cypriano. Esses bailes procuram manter vivo o significado da criação da AROL e seus personagens envolvidos no cenário de luta no combate ao racismo e à discriminação racial, discussões que ainda hoje se fazem necessárias a fim de garantir a diminuição das desigualdades raciais, ou seja, procurou-se demonstrar como o Clube AROL e os atuais compromissos do movimento negro em preservar a memória do Clube negro de Londrina acabaram por proporcionar maior visibilidade à comunidade negra da cidade e, evidentemente, contribuir com a formação de uma sociedade que valorize a cultura negra, e principalmente, não negue seus movimentos de luta e resistência.

2. LONDRINA, PR: MAIS UMA REALIDADE CONTRADITÓRIA

Contextualizando a cidade da promessa

A região norte do estado do Paraná, onde se localiza atualmente a cidade de Londrina, foi povoada a princípio pela convergência de interesses por parte do governo paranaense em ocupar os chamados “vazios territoriais”¹, ou seja, uma grande floresta em que dividia espaço com grupos indígenas, caboclos e posseiros, bem como conseguir atrair novos capitais, inclusive de empresas estrangeiras que buscavam ampliar suas possibilidades territoriais de produção para fornecer a matéria-prima para suas indústrias têxteis, principalmente, nesse caso, representantes de altos cargos do governo inglês e o diretor do *Sudan Cotton Plantations Syndicate* que organizaram uma visita ao Brasil.

Essa visita ao norte paranaense despertou um interesse muito grande do diretor da *Sudan Cotton Plantations Syndicate*, o senhor Lord Lovat, pelas terras férteis da região. A região porém, não tinha nenhum suporte para o escoamento de uma possível produção de algodão para o porto de Santos, cidade do estado de São Paulo. Essa preocupação também era a de alguns fazendeiros brasileiros que já faziam o cultivo do café no norte do estado do Paraná, mais precisamente em Cambará e que precisavam fazer com que a linha ferroviária, que, nesse período, ia até a cidade de Ourinhos-SP, chegasse, no mínimo à cidade de Cambará-PR.

No entanto, os fazendeiros estabelecidos na região de Cambará buscavam também atrair capitais nacionais ou mesmos estrangeiros para a construção de uma linha ferroviária que chegasse até Jataizinho. Nesse contexto de convergência de vários interesses é que nasce a Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP.

Reunidos em Londres, os senhores Lord Lovat e Arthur Thomas – gerente dessa mesma companhia, assim como outros cotonicultores, decidiram, em 1924, investir no Brasil e fundaram a Brazil Plantations Syndicate. Ainda em 1924, visitaram o estado do Paraná e, convencidos da potencialidade da região por suas terras tão férteis, viram também seu potencial como uma possibilidade imobiliária em seus negócios. Decidiram, então, investir na região.

A partir daí, a Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária da *Paraná Plantations Ltda.*, com sede em Londres na Inglaterra, começou a comprar terras no norte do Paraná, com interesses claramente imobiliários. Chegou a adquirir, em cerca de dois anos (1925-1927), 515.000 alqueires de terra nessa região para iniciar seu projeto de colonização. Essas terras foram adquiridas diretamente do Governo do Estado do Paraná, a preços relativamente baixos². Até porque os investidores ingleses firmaram o compromisso de construir o trecho de ferrovia que cortaria toda a região e ligaria a cidade de Cambará à cidade de Guaíra, divisa do estado do Paraná com o Paraguai, além de se comprometer a construir e viabilizar o trânsito na região, ou seja, abrir estradas que dariam acesso à região que hoje denomina-se Londrina.

Em 1929, a CTNP enviou à região uma caravana que demarcaria o começo de suas terras. Essa caravana abriu uma clareira, onde foram feitas as primeiras construções, incluindo o primeiro escritório da CTNP. Logo que se pôde, foi viabilizada a construção do primeiro hotel para que os primeiros compradores de terras da região fossem recepcionados.

Entre as ações da CTNP, a propaganda em jornais do país e do exterior foi a que mais deu resultado na venda dos lotes. Para atingir aqueles que não eram alfabetizados, foram utilizados filmes e o rádio para divulgar a região e sua fértil terra roxa, sem saúvas. Não se pode esquecer também que a estratégia de enviar vendedores dessas terras pelo país buscando compradores, especialmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, também obteve resultados impressionantes. Essa perspectiva de enriquecimento rápido pela qual a propaganda se pautava fez com que a região logo recebesse milhares de migrantes e imigrantes, e muitos vieram para tentar a sorte e aventurar-se nas novas terras que se mostravam em cartazes bonitos e sedutores.

QUINZENA DO POVO

Amambau,
o tempo de verão,
as suas condições
têmpestivas, amaldi-
çoada por não ter
nem a colheita.

QUINZENA DO POVO

DA S/A

S/A FABRICA PAULISTA DE ROUPAS BRANCAS

Descontos apreciáveis
em todos os artigos.

DESCONTOS APRECIÁVEIS
em todos os artigos.

PREÇOS REDUZIDOS
em todos os artigos.

C. P. V. C.

COMPANHIA PARANENSE DE VALORES

Fama Mundial!
Laminas PAL

PRODUZEM TUDO DO BOM E DO MELHOR!

Posto que o Norte do Paraná seja uma região nova, nem por isso deixa de possuir tudo como nos grandes centros metropolitanos. O bom clima aliado à excelente rede rodoviária e ferroviária, a água magnífica, são factores preponderantes do progresso verificado.

Cidades, villas, povoações, lá fundadas, possuem escolas, telegrapho e tudo o mais.

As terras são imensamente productivas, dando de tudo abundantemente: Café, algodão, trigo, milho, feijão, aveia, frutas, etc., havendo ainda grande quantidade e variedade de madeira.

Não ha sau'va nem outros parasitas de plantações.

Para ter a certeza de adquirir terras roxas, férteis, ricas e compensadoras, com facilidade de pagamento, procure a



Cacha de bananas, contendo 355 frutas e medindo 1 metro de extensão, procedente de plantações em terras da Companhia.

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

A MAIOR EMPRESA COLONISADORA DA AMERICA DO SUL

Para mais informações em seu escriptorio RUA 3 DE DEZEMBRO N.º 45, antigo 12
2.º andar — Caixa Postal n.º 2.771 — São Paulo
N. R. — Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Cia.

Figura 1. Edição do jornal O Estado de S.Paulo, de 28 jun. 1936.
Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19360628-20464-nac-0002-999-2-not>



Paraná - Norte



ANNO I

LONDRINA, 28 de Junho de 1935.

NUM. 41

DR. JOÃO FIGUEIREDO
 Médico
 Clínica de saúde e criação - Fátima
 Atende chamados para fins.
 Londrina
 Correio Paulistano
insignificante e anúncio - Não endação.

CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

A maior empresa colonizadora da América do Sul, estabelecida dentro da única reserva de terras roxas, em clima admirável servidas pelas melhores águas.

Não ha saúvas

Lotes em proporção ás posses do comprador.

ESPLÊNDIDAS ESTRADAS DE RODAGEM



A Cia. Ferroviária S. Paulo-Paraná, colaboradora da Cia. de Terras Norte do Paraná, tendo construído a ponte sobre o TIBAGY, que é uma obra de grande vulto, aproximou as terras da segunda, das possibilidades dos pretendentes á compra de lotes pela facilidade e rapidez do transporte.

Os possuidores de lotes comprados á Cia. de Terras, terão desde já o barateamento, em grande porcentagem da exportação dos productos, ante a baixa verificada nos fretes da Cia. Ferroviária.

Hoje, além da inauguração da ponte sobre o rio TIBAGY, inaugura-se também o trecho JATAHY-LONDRINA. Até 30 de Agosto se dará a inauguração do trecho LONDRINA - NOVA DANTZIG e até Dezembro, ainda de 1935, o trecho NOVA DANTZIG - ROLANDIA.

O melhor emprego de capital, pequeno ou grande, é comprar um lote na

O milho entre o café novo, como os lotes vendidos pela Companhia

Comp. de Terras Norte do Paraná

SÊDE
LONDRINA
 E. F. S. Paulo-Paraná
 Estado do Paraná

AGENCIA PRINCIPAL
 São Paulo
 Rua 3 de Dezembro n. 48



Descançando n'uma figueira, padrão de terra boa.



Assim produz o algodão

Figura 2. Última página da edição do Jornal Paraná-Norte, de 28 jun. 1935.

Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

No início dos anos de 1930, Londrina ainda contava com poucas casas de madeiras. No entanto, em poucos anos, houve um rápido crescimento urbano, que o primeiro jornal da cidade, o Paraná-Norte, retratou numa espécie de balanço estatístico das habitações existentes até aquela data. Segundo a matéria:

Em 1929, no local onde se ergue a cidade, não havia uma única habitação. [...] Em 1930, existia a Casa da Companhia e o Hotel [...] Em 1931, erguiam-se em Londrina, sete casas. Em 1932, a cidadezinha começava a desenvolver-se: possuía 12 casas, sendo a mais importante a do Hotel Luxemburgo. Isto até junho. Em dezembro, o número de habitações subiu a 150. Em 1933 passou a 400, para atingir 544 em outubro de 1934¹.

Entre outras questões, Londrina foi transformada em município, por sua importância econômica no que diz respeito ao desenvolvimento da região norte do Paraná. O Decreto Estadual n.º 2.519, assinado pelo interventor Manoel Ribas, oficializando Londrina como município saiu em 3 de dezembro de 1934, mas as solenidades ocorreram sete dias depois, no dia 10 de dezembro de 1934, quando também toma posse o Sr. Joaquim Vicente de Castro, nomeado pelo próprio Manoel Ribas como o primeiro prefeito de Londrina.

Esses dados históricos que evidenciam as mudanças na esfera política foram os responsáveis por impulsionar o reconhecimento dessa região como um município que crescia demasiadamente a cada ano e que, em poucos anos, saíra de uma região de plena mata, moradia de grupos indígenas e caboclos para uma cidade que estava ganhando certa importância na economia do norte do estado.

Após ter passado por duas nomeações para ocupar a prefeitura de Londrina, a própria conjuntura prenunciava uma primeira eleição direta para prefeito, sendo eleito Willie Davids, que nesse período também ocupava o cargo de diretor-técnico da CTNP.

Muitos serviços públicos de infraestrutura urbana, como energia elétrica, telefonia, e serviços básicos de saúde foram viabilizadas pela própria CTNP. Até por isso, é que talvez a probabilidade de um funcionário da CTNP atingir a prefeitura da cidade por eleições diretas era quase total naqueles tempos. Desde que a cidade fora crescendo em números de habitantes, a Companhia sempre se

¹ Jornal Paraná-Norte, 09 de outubro de 1934, vide também em Noites Ilícitas, p. 23.

colocou como mediadora dos processos entre o Governo do Estado e o Município que estava se fortalecendo.

A CTNP, que até então administrava extra-oficialmente o “patrimônio”, dotando-o dos serviços essenciais (água encanada, capina e limpeza das ruas, coleta de lixo) e cobrando por isso da Prefeitura de Jataizinho, queria vê-lo transformado em município e, claro, gostaria que para administrá-lo fosse nomeado alguém de sua confiança...²

A empresa oferecia a infraestrutura e os serviços básicos. Quando ela própria não podia resolver, mediava pedidos ao Governo do Estado, exigindo subvenções para solucionar os problemas, mantendo sobretudo, sua hegemonia política e administrativa sobre a cidade de Londrina³. A população havia se acostumado a recorrer à CTNP. É Claro que essas intervenções coincidiam com a garantia e a defesa de seus interesses, avaliando devidamente a relação de custo e benefício⁴.

De certa forma, essa era uma ameaça real, pois antes a CTNP sanava as necessidades mais urgentes da população e para isso foi utilizando seus próprios recursos. Nesse período, em que se institucionalizava o município, também seria preciso regulamentar a utilização do espaço público e do espaço privado, o que obviamente acabaria por regulamentar também o pagamento de impostos.

Para eles [a população], o poder ficara dividido e, diante de alguma necessidade, não sabiam exatamente a quem recorrer. A CTNP era uma potência bem estruturada, com muitos funcionários; a prefeitura era apenas uma figura jurídica, em fase de planejamento e implantação; um endereço, sem estrutura, sem funcionários e sem saber exatamente como e de que forma proceder. A CTNP, pela estrutura de que dispunha e pela experiência anterior à emancipação do município, era o poder de fato. A prefeitura era o poder de direito. Mesmo depois da Prefeitura instalada, muita gente continuava a recorrer à Companhia. (BONI, 2004, p. 152)

² BONI, Paulo César. Fincando estacas! A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: edição do autor, 2004.

³ Essa hegemonia perdurou até meados de 1944, quando foi vendida a uma empresa nacional, até modificando sua razão social, passando a se denominar como Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP, com sede na cidade de Maringá. Ver também em LEME, Edson Holtz. *Noites ilícitas: histórias e memórias da prostituição*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2009.

⁴ BONI, Paulo César. Fincando estacas! A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: edição do autor, 2004, 152.

De fato, nessa situação instável na política, diariamente Londrina se deparava com a maciça chegada de novos habitantes, o que causou um rebuliço na desorganizada Londrina de 1937. A população não sabia a quem recorrer se precisasse de maior assistência médica, reclamar pela falta de escolas, registrar queixas etc. Foi um período em que as etnias buscavam organizar-se criando associações a fim de obter uma rede estruturada de solidariedade no grupo.

Nesses primeiros anos em que Londrina se estabelecia, chegavam aqui não só compradores de terras, iludidos pela propaganda de terras férteis e prósperas, como também trabalhadores de infinitos ofícios, trabalhadores que abandonaram a zona rural, especialmente dos estados de São Paulo e Minas Gerais, e vinham aventurar-se na cidade da promessa do norte paranaense.

Esses trabalhadores foram os responsáveis pela derrubada da mata e abertura de estradas, pela construção dos principais estabelecimentos básicos para que a população continuasse a crescer na região. Muitos desses trabalhadores foram contratados para serviços gerais da CTNP.

Era um período em que faltavam muitas coisas, inclusive momentos e espaço de lazer ao trabalhador. Em meados de 1934, a cidade de Londrina contava apenas com um campo de tênis dos primeiros ingleses, estes provavelmente vinculados aos altos cargos da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP.



Figura 3. No centro da imagem, o escritório da CTNP e, ao lado, o campo de tênis para usufruto de seus funcionários de alto padrão, 1934.

Não se pode deixar de considerar que, no ano de 1931, os imigrantes alemães fundaram a primeira escola de Londrina: a escola alemã do Heimtal. O espaço físico da escola servia também como um ponto de sociabilidade para aquela comunidade. Lá realizavam-se reuniões, bailes e em alguns momentos, o local era reservado para a realização de cultos religiosos. Assim, as diferentes comunidades étnicas foram se estabelecendo em Londrina e criando espaços privados e praticamente exclusivos de seus pares.

Com o passar do tempo, mais precisamente no final dos anos 1930, os trabalhadores de base começaram também a se organizar e tirar alguns momentos para se reunirem após o trabalho. Essas reuniões começaram a se tornar frequentes na residência do Sr. Cypriano Manoel, motorista pessoal do Sr. Arthur Thomas, diretor da Companhia de Terras quando este estava em Londrina. O Sr. Cypriano Manoel era muito articulado no meio político e no alto escalão da Companhia, até pela sua função profissional. Ele vivenciava os usos e costumes dessa elite e essa vivência possibilitou que o Sr. Cypriano tivesse parâmetros para a idealização de um Clube que já estava se concretizando.

A elite já vinha se organizando e criando espaço de lazer para seu grupo, e o Sr. Cypriano Manoel, como motorista particular do Sr. Arthur Thomas, vivenciava essa congregação que surgiu logo nos primeiros anos da cidade de Londrina. No entanto, essa vivência do Sr. Cypriano era marginal. Essa marginalização fez com que ele idealizasse um Clube para seus companheiros, que já se organizavam em sua casa ao final do expediente, denominando-o Clube Quadrado, em contraposição ao clube da elite da época, que se chamava Clube Redondo.



Figura 4. Coquetel de inauguração que festeja a instalação de energia elétrica no Clube Redondo em Londrina. Foto de José Juliani em 11/06/1938.

Os fundamentos e objetivos do Clube Quadrado começaram a tornar-se realidade em 1939, ano que ficou marcado pela oficialização dessa organização operária. No entanto, seu estatuto e regimento interno somente foram registrados em cartório na metade dos anos de 1950. Essa organização mantinha assiduamente uma maioria negra.

O próprio Sr. Cypriano Manoel idealizava o Clube para além de uma organização operária. Ele idealizou e criou a primeira organização negra da cidade de Londrina, que não apenas levava o nome de Sociedade Beneficente Princesa Isabel - um momento histórico para a população negra brasileira como tinha objetivos claramente referentes à ascensão do grupo negro pela educação, promoção de um sistema de saúde de compromisso com o cuidado da população negra londrinense e, por último, mas não menos importante, a conscientização da comunidade negra da cidade de Londrina acerca do racismo, da discriminação racial e do preconceito que cotidianamente vinham sofrendo, seja na esfera social, política, educacional ou econômica.

Discussão sobre a formação do **Clube Quadrado**

Em um segundo momento do pós-abolição, as organizações negras, nas cidades que ganhavam certa importância socioeconômica, buscavam proporcionar e promover atividades recreativas para os negros que se associavam. As associações recreativas que surgiram nesse período se consolidaram tanto nas grandes cidades quando nas pequenas, daí seu caráter essencialmente urbano⁵.

O Clube Quadrado de Londrina foi criado com o intuito de promover atividades recreativas entre seus companheiros. A própria existência de clubes recreativos indicava a permanência e a reprodução de um processo de segregação, vinculado aos espaços de lazer⁶.

Era um clube sem registro ou qualquer tipo de recurso estrutural. As reuniões ocorriam predominantemente na casa do Sr. Cypriano Manoel, mas há registros de que também ocorriam na casa do Sr. Leodoro de Oliveira, na época corretor de imóveis, e em sindicatos. Em algumas atas, há a referência ao Sindicato dos Madeireiros. Os encontros do clube também ocorriam na Câmara Municipal, isso já nos anos de 1950.

Os anos em que o Clube Quadrado existiu (1937-1939) foi um período em que Londrina também experimentava muitas dificuldades: falta de saneamento; de energia elétrica; precária estrutura e assistência médica; falta de escolas; entre outros serviços essenciais.

Na década de 1930, a questão do lazer estava restrita, para a maioria da população, aos finais de semana. Durante a semana, ao final do expediente, alguns grupos de pessoas se reuniam e acabavam por passar o tempo jogando cartado. O final de semana era esperado, pois era o período em que o trabalhador se dedicava a trabalhos em benefício particular: manutenção da casa, abate de animais maiores, como o porco, para a garantia da carne da semana, a caça de outros animais, os cuidados pessoais – período em que se tinha mais tempo para dedicar ao cuidado com a estética e a limpeza do corpo⁷.

⁵ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Coletividades negras**: Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. São Paulo: Ciência e Cultura. 1977, 653.

⁶ *Ibidem*.

⁷ BONI, Paulo César. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: edição do autor, 2004.

Como já elencado anteriormente, os diretores da companhia e os políticos da cidade jogavam tênis numa quadra (figura 3) localizada onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública do Município. Outra parte da sociedade, com menor poder aquisitivo se reunia para um jogo de futebol. Mais tarde essas peladas foram oficializadas, organizadas e financiadas pela CTNP, que construiu um campo de futebol ao lado da quadra de tênis. Surgiu, assim, o primeiro time oficial de Londrina, o Esporte Clube de Londrina⁸.

A população ainda encontrava outras formas de entreter-se aos finais de semana. Na zona rural era muito comum se deparar com pistas de jogo de malhas e bocha. A caça e a pesca eram atividades extremamente apreciadas pelos londrinenses, atividades quase que exclusivamente exercida por homens⁹.

Antes de as associações recreativas se popularizarem, algumas vezes as famílias optavam por se reunir à noite, na casa de um do grupo, para os homens jogarem carteadado e as mulheres prepararem algo que pudessem comer coletivamente. Esses encontros entre famílias também se sofisticaram, tornaram-se bailes – muitas vezes para comemorar a inauguração da casa, que contavam com o animador, o sanfoneiro¹⁰.

Além dos bailes, o cinema passou a ser a busca da juventude por entretenimento. Em 1933 chega a Londrina o Cine Teatro Nacional e, no ano seguinte, inaugura-se o Cine Londrina. Em 1938 chega o Cine São José. Segundo relatos dos que viveram esse período, o Cine São José era o melhor e mais frequentado, pois exibia películas mais modernas, com efeitos especiais já produzidos nos Estados Unidos. Num dia da semana eram exibidos seriados, com a característica que temos hoje nas novelas, ou seja, eram exibidos em capítulos fazendo com que o cinema tivesse espectadores assíduos, especialmente por ter um valor mais acessível às camadas populares. O Cine São José se consolidou como um verdadeiro espaço de sociabilidade da juventude dos anos de 1930 em Londrina¹¹.

Ainda na década de 1930, os dois clubes existentes na cidade – o Redondo e o Quadrado realizavam seus bailes de carnaval. O Clube Quadrado, que

⁸ *ibidem*

⁹ *ibidem*

¹⁰ *ibidem*, p. 341

¹¹ BONI, Paulo César. Fincando estacas! A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: edição do autor, 2004.

é parte importante desse trabalho, ainda não tinha seu espaço sede, mas isso não inibia seus associados, que alugavam um barracão onde hoje é a atual rua Mato Grosso, o qual tinha o apelido de “Panela de pressão”. Esse baile promovido pela comunidade negra era frequentado por diferentes grupos étnicos, formados por pessoas de menor poder aquisitivo. Esse primeiros encontros sociais da organização negra produziram uma vontade no grupo de realizar também concursos de beleza, mas não se sabe se o clube conseguiu realizar esse desejo ainda nesse período. Sabe-se que, desde 1935, já se realizavam em Londrina, na alta sociedade, esses concursos e que a Srta. Maria Ap. dos Santos teria sido coroada como a primeira Miss Londrina.

O desejo de expandir os horizontes dessa organização negra para além de bailes e concursos de beleza, especialmente com relação ao combate às diferenciações raciais na esfera da educação, do trabalho, do acesso à cultura e saúde na cidade de Londrina, fez com que, em 1939, o clube saísse dos idealismos e se consolidasse, passando a chamar-se Sociedade Beneficente Princesa Isabel.

O que realmente dava suporte à iniciativa de fundar um clube, além de outras prioridades, era a necessidade de a comunidade negra consolidar uma identidade racial no grupo para que, assim, coletivamente, fossem discutidos o racismo, a discriminação racial, as desigualdades e as necessidades básicas dessa população. Tendo entrado no campo da conscientização, o grupo passou a criar estratégias de enfrentamento, estratégias que tinham o intuito de alterar a ordem social.

Essas associações ou clubes recreativos podiam caminhar por dois rumos, um era “mundano”, pautado na realização de jogos, de bailes e festas para seus associados, e o outro caminho que poderia ser seguido pautava-se pela ampliação dos horizontes intelectuais, alargando a instrução do grupo negro envolvido. O intuito desse caminho era possibilitar através da trajetória educacional uma certa ascensão socioeconômica.

Nesse primeiro momento, a organização dos negros londrinenses pautava suas atividades somente pela recreação propriamente dita. Após o expediente de trabalho reuniam-se na casa do Sr. Cypriano e ali passavam o tempo jogando carteadado. Esse espaço também foi utilizado para discutir as questões políticas e econômicas locais. Essas discussões passaram a ser a motivação do

encontro desses trabalhadores no final do expediente e mais do que isso, foram tomando uma proporção tão impressionante quanto a incessável chegada de migrantes e imigrantes na época na cidade.

Sobre esse período, fala-se, ainda, que o Clube Quadrado só foi consolidado para contrariar a existência da organização elitista chamada Clube Redondo. Assim, parece diminuir a capacidade de observação e articulação de uma rede de contatos que aqueles primeiros negros organizados e o próprio Sr. Cypriano teriam imaginado que poderia se consolidar dentro da comunidade negra londrinense. Em nenhum momento, esse grupo racial se colocou numa posição de vítima, pelo contrário, buscavam transparecer que tinham vencido a barreira econômica e intelectual da sociedade. Buscaram, sobretudo, assimilar e propagar no meio negro londrinense os usos e costumes de uma “aristocracia”.

O trabalho árduo, porém que estes pioneiros faziam para que essa ascensão atingisse o maior número possível da comunidade era inegável. Por mais que a condição de boa parte dos negros associados fosse inferiorizada na sociedade, eles buscavam transcender esse estereótipo, mostrando uma postura e uma conduta inquestionáveis moralmente. É possível notar esse elemento analisando trecho de entrevista concedida pelo Dr. Oscar Nascimento, membro da diretoria em toda a trajetória do Clube e de Dona Ilda¹², associada e educadora da escola AROL.

A questão da identidade de um grupo é afirmada de maneira relacional com a negação do outro. O Clube Quadrado procurava se constituir em Londrina de maneira a assumir, plenamente e com orgulho coletivamente, a condição de negro, porque isso lhe daria maiores condições de construir uma identidade positiva de si e, sobretudo, instrumentos e força política para reivindicar suas demandas. Essa solidariedade é o sentimento que os fundadores do Clube Negro em Londrina enalteciam a fim de que fosse possível construir um conjunto de valores culturais que buscasse uma identidade negra comum. A busca por uma identidade do coletivo negro, historicamente, foi primeiramente construída a partir dos agrupamentos religiosos trazidos pelos africanos no período escravocrata¹³.

¹² Dona Ilda, militante do Movimento Negro de Londrina, aposentada pela área da saúde. Nos tempos da AROL foi uma das únicas professoras negras da Escola AROL.

¹³ QUEIROZ, 1977, p. 652.

O Clube Quadrado se consolidou em Londrina negando o Clube Redondo¹⁴, contudo essa negação era resultado da proibição dos trabalhadores de participarem daquele espaço de lazer criado pelos diretores da CTNP. O fato de o Clube Redondo não permitir a entrada dos trabalhadores, em sua grande maioria negra, era uma forma de preservar naquele espaço a prevalência e a valorização da identidade branca somada à sua condição social privilegiada.

Segundo Alberto Guerreiro Ramos, o ideal da brancura como sobrevivência da identidade do grupo branco está engendrado de tal maneira na formação psicológica do brasileiro que acaba contribuindo para a não identificação do negro que constitui a sociedade nacional e assim, dificultando o processo de integração de qualquer um dos outros grupos raciais que constituíram na formação da sociedade brasileira¹⁵.

É nesse sentido que o autor Guerreiro Ramos aponta que podemos observar e considerar o Clube Quadrado como um movimento de vanguarda na organização da comunidade negra em Londrina e na construção de estratégias de enfrentamento. Isso fica explícito, quando, em 1939, a organização modifica seu nome para Sociedade Recreativa Princesa Isabel, posicionamento que reafirma sua sua negritude diante da exploração e do silenciamento. Embora atualmente existam diferentes formas de avaliar o processo de mudança de regime escravocrata para a instituição da República, isso não tira de maneira alguma o mérito do grupo londrinense, sobretudo porque, de uma forma ou de outra, a intensão era dar visibilidade à população negra brasileira e dizer que, a partir da assinatura do documento em 1988, essa população não poderia ser calada pela perversidade de que se utilizava anteriormente.

Era um momento de esperança que se tinha, era um momento em que se achava que, a partir dali, as coisas poderiam ser diferentes. Todos, inclusive um dos maiores intelectuais da sociologia brasileira - Florestan Fernandes, acreditaram que a mudança econômica a longo prazo traria a democracia racial como consequência inevitável. Um grande equívoco! Muitas pesquisas que foram e ainda são realizadas evidenciam o contrário dessa perspectiva, apresentam, todavia, que

¹⁴ Frequentado exclusivamente por autoridades políticas de Londrina e diretores da CTNP.

¹⁵ RAMOS, A. G. Pequena Bibliografia do Estudo do Padrão de Vida. Revista do Serviço Público, Rio de Janeiro, v.2, n.1/2, maio/ jun. de 1947, p. 136 – 139.

as desigualdades crescem no Brasil e que o grupo racial mais afetado é a população negra.

Sociedade Beneficente Princesa Isabel

Para a cidade de Londrina, os anos de 1940 significaram crescimento acelerado, necessitando cada vez mais de mão de obra. Apesar de o fim da segunda grande guerra ter desestruturado muitos países, a recuperação ocorreu de maneira impressionante no mercado mundial. A região do norte do Paraná passou a receber um número expressivo de migrantes e imigrantes.

Obviamente que a crescente chegada de migrantes a cidade nesse período não era proporcional à necessidade ou mesmo de emprego/trabalho disponível. Esse crescimento acelerado causou, por consequência, o aumento da miséria. Nesse sentido, o poder público começou a buscar formas de criar espaços em que pudessem tutelar essa parcela da sociedade. O instrumento encontrado foi a utilização da força policial. Além dessas ações do poder público, grupos filantrópicos foram criados pela elite local com o intuito de “amenizar” os problemas dos marginalizados¹⁶.

Esse cenário pode ter influenciado a comunidade negra, que já vinha se organizando no Clube Quadrado, a optar pelo caráter beneficente que se consolidou com a mudança de nome do grupo para Sociedade Beneficente Princesa Isabel. Isso porque o líder fundador, o Sr. Cypriano Manoel, transitava com facilidade nos espaços em que se reunia a elite londrinense, devido ao exercício de sua função, pois era motorista particular do Sr. Arthur Thomas quando este estava em Londrina.

Esse é um elemento que pode ter influenciado o grupo, mas também não pode ser esquecido o fato de o Sr. Cypriano ter vindo de uma cidade de grande porte e de grande influência nos diferentes quesitos da vida social urbana, Campinas.

No período em que o Sr. Cypriano chegou a Londrina, o ano de 1934, a cidade de Campinas já contava com diversas organizações negras, e especialmente,

¹⁶ LEME, Edson Holtz. *Noites ilícitas: histórias e memórias da prostituição*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2009, p. 31-32.

tinha se consolidado como uma referência em imprensa negra. Foi um período de muita agitação e efervescência das reivindicações contra o preconceito racial, assim nos retrata Florestan Fernandes, quando apresenta as reivindicações levantadas pelas organizações negras das cidades de São Paulo e Campinas, especialmente:

... elas atuaram, desde o início, com as primeiras formas de pressão usadas grupalmente pelo negro. Todas as agitações, feitas no turbulento período de 1927-1931, contra manifestações concretas do “preconceito de cor” ou pela revogação de medidas discriminativas em repartições públicas, foram provocadas e dirigidas por meio dessas associações¹⁷.

Esse processo reivindicatório do negro culminou no surgimento de novas formações sociais. Foram criadas diversas associações recreativas, beneficentes e culturais na comunidade negra, estas, por sua vez, tiveram um papel importante na socialização do negro. Ampliaram a rede de contato na comunidade, difundiram novos usos e costumes, especialmente, contribuíram efetivamente para a conscientização do ser negro, por si mesmo e para si; assim consegue-se estabelecer melhor os campos e as estratégias de expor a insatisfação que lhe foi imposta.

A Sociedade Beneficente Princesa Isabel em Londrina passa a definir precisamente seus objetivos e o caráter que nortearia suas atividades, como deixa transparecer este trecho retirado do estatuto registrado no cartório do município, na data de 06 de fevereiro de 1956:

a SOCIEDADE RECREATIVA PRINCESA ISABEL, fundada em 1º de maio de 1939, na cidade de Londrina, onde tem sua sede, tem por finalidade promover entre os sócios toda a sorte de divertimento, fundar escola para a Cultura da raça negra, constituir hospital, assistência médica hospitalar, dentista e advogado¹⁸.

Notadamente, os objetivos levantados nesse trecho do estatuto do Clube, que vão no sentido de suprir desde o campo de acesso ao divertimento até os serviços básicos, está em conformidade com os objetivos de outras organizações

¹⁷ FERNANDES, 2008.

¹⁸ ESTATUTO da AROL, 1956.

negras que surgiram nesse momento pelo Brasil, bem como as primeiras motivações para o agrupamento dos negros.

A necessidade de estabelecer vínculos a partir da solidariedade dentro do grupo negro fornece-nos uma questão importante para a discussão e a desconstrução do mito da democracia racial, o qual mascara a oposição dos brancos e dirigentes políticos na ascensão social da comunidade negra. Nesse momento, os clubes e a imprensa negra acusam e reivindicam com veemência a posição que o negro ocupa na sociedade brasileira¹⁹.

A Sociedade Princesa Isabel em Londrina, quando exprime seus objetivos e norteia suas atividades em seu estatuto, evidentemente, quer expressar para a sociedade londrinense a sua preocupação na construção de uma identidade coletiva de seus associados e, sobretudo, proporcionar à comunidade negra meios de ascensão social que historicamente lhes foram negados primeiro pela sua condição escrava e depois, na República, como forma de cercear qualquer expectativa que vá além dos serviços braçais.

Cypriano Manoel, a liderança da comunidade negra dos anos de 1930 a 1964

O Sr. Manoel Cypriano nasceu provavelmente no ano de 1900, na cidade de Amparo, estado de São Paulo. A data de nascimento do Sr. Cypriano não é muito precisa e há duas referências sobre essa informação, a primeira se refere ao seu atestado de óbito (anexo 1) que indica como data do falecimento 14 de agosto de 1964, aos 64 anos de idade; a segunda é pautada em dados fornecidos pelo Dr. Oscar Nascimento, que conviveu com ele e participou da organização negra da qual o Sr. Cypriano foi o fundador no final dos anos de 1930.

Dr. Oscar relata em entrevista²⁰ que, em conversas com seu amigo Manoel, como ele o chamava, o Sr. Cypriano teria lhe dito que, ao chegar a Londrina, quando foi ser contratado pela CTNP, a sua idade já avançada pelos padrões da época lhe causou um problema, mas, como ele trazia referências

¹⁹ SILVA, Joselina da. **O clube dos negros**. *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: UERJ. 2000, pp. 47.

²⁰ Concedida em 24 de fevereiro de 2015.

exemplares como profissional, a Companhia preferiu diminuir sua data de nascimento em cerca de 20 anos para conseguir concretizar a admissão.

Acredita-se que o Sr. Cypriano saiu de sua cidade natal ainda jovem e foi para a capital paulista, onde relatava aos amigos mais próximos ter tido uma convivência com o jovem ator Grande Otelo. Essa convivência deve ter se dado, pois o Sr. Cypriano, já exercendo a profissão de motorista, pode ter sido contratado pela família Queiroz que adotou o ator em São Paulo. Cypriano sempre exerceu a profissão de motorista. Em São Paulo trabalhou para a elite paulistana, obteve ótimas referências como profissional, tanto que, na cidade de Campinas, onde morou por um tempo maior e chegou a constituir família, não teve qualquer dificuldade para exercer a profissão. Pelo contrário, era também a preferência da elite da cidade.

Chegou à cidade de Londrina por volta de 1934, em busca de uma nova perspectiva de vida e da chance de prosperar junto a uma cidade que era tida como a cidade da promessa. Ainda em 1934 foi contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP como motorista. Num primeiro momento, ele dirigiu um caminhão que levava e trazia os trabalhadores que iam abrindo caminho na mata fechada ao redor da cidade, como mostra a Figura 5.



Figura 5. Esta fotografia do ano de 1937, de autor desconhecido, mostra o Sr. Cypriano Manoel à frente no caminhão de trabalho.

Não se tem registro de como acabou por ser o motorista pessoal de Arthur Thomas, um dos diretores ingleses da CTNP. Sabe-se apenas que exerceu essa função até sua aposentadoria. E durante o exercício de seu ofício, nunca atrasou para o trabalho. O Sr. Cypriano tinha uma rigidez muito grande quanto aos seus costumes, seu entendimento sobre moral e honra. Ele era muito severo consigo mesmo. As famílias com quem ele trabalhou admiravam essa postura. Ele também jamais se apresentava em público de maneira informal.

Tanto é que o Mister Thomas tinha ele numa alta conta, quando deram umas férias para ele, falaram para ele: Manoel, a gente não conhece, você veja aí na Companhia alguém, um motorista que possa te... você estará de férias, então... [ele respondeu] Olha, eu não posso me responsabilizar por ninguém, o único que eu conheço é fulano. Aí eles pegaram um motorista e o motorista foi pegar o Mister Thomas e chegou cinco minutos atrasado. O Mister Thomas olhou no relógio e disse: Eu não vou com o senhor, eu vou pegar um taxi. Não vou. Chegou cinco minutos atrasado! Aí ele pegou um taxi e mandou o motorista passar lá no pátio para pegar as contas... Para você ver, ele foi motorista de um elemento exigente como Mister Thomas e com todos os elogios por nunca ter tido um deslize²¹.

Fatos como esse contribuem para que possamos compreender como era a estratégia que o Sr. Cypriano utilizou para sobreviver às perversidades do racismo e da discriminação. Essa rigidez que alguns negros ainda se colocam para conseguirem conviver mais harmonicamente na sociedade e, sobretudo, poderem adentrar em espaços e relações que historicamente lhes são negados é um campo importante para a discussão. Há mais um trecho que demonstra essa estratégia do líder fundador da organização negra de Londrina:

Ele [Sr. Cypriano Manoel] era muito exigente como presidente da AROL, ele chamava a atenção dos elementos. Nós negros não podemos dar margem para que os brancos venham-nos ridicularizar, dizer negros é isso, negro é aquilo. Então, ele zelava muito pela postura não só dele, como dos elementos da AROL, da escola de samba quando saiu. Ele fazia uma preparação psicológica nas pessoas, porque ele conhecia as escolas de samba do Rio, aí ele imprimia aqueles princípios rígidos. Quando a escola de samba sai, ela precisa ter aquele espírito único, porque todos têm aquele objetivo de apresentar o melhor que têm²².

²¹ Trecho de entrevista concedida por Dr. Oscar Nascimento, em 24 de fevereiro de 2015.

²² *ibidem*

A postura do Sr. Cypriano permitiu que ele, de certa forma, estabelecesse relações que eram improváveis entre seus pares. Ele foi o precursor do debate sobre a situação do negro em Londrina, idealizou uma organização de negros na cidade e a concretizou fundando o Clube Quadrado. Não se pode dizer que todas essas suas ações não sofreram interferências, tanto da conjuntura política que era possível na cidade de Londrina, como das experiências que ele havia adquirido anteriormente, especialmente nas cidades de São Paulo e Campinas por onde ele passou antes de chegar em Londrina.

Essas experiências foram primordiais na idealização e construção do clube negro, pois, no período em que o Sr. Cypriano passa por essas duas cidades, elas já eram palco de grandes intervenções e manifestações da população negra, tinham, sobretudo, uma imprensa com uma abrangência muito grande entre a comunidade. Já havia clubes recreativos, sociedades beneficentes, uma porção de organizações políticas e culturais consolidadas, e uma parte delas voltavam seus objetivos para a educação dos negros, como forma de alcançar uma ascensão econômica coletiva no grupo.

Ele, o líder fundador da cidade de Londrina, frequentava esses clubes, nos bailes, concursos de beleza, e provavelmente teve contato com alguns dos jornais que existiam na época. Até porque o militante José Correia Leite relatava que esses espaços eram todos utilizados pela imprensa negra a fim de divulgar as discussões e demandas das organizações políticas da época²³.

Quando o Sr. Cypriano chega à Londrina, ele percebe que a comunidade negra possui um poder aquisitivo menor. Talvez o único negro que ele conheceu na cidade que possuía um poder aquisitivo melhor fosse o médico Justiniano Clímaco da Silva, que, em 1946 por influência do Partido Social Democrático – PSD, convenceu a candidatar-se a deputado estadual constituinte e a elaborar um jornal que pudesse dar sustentação ao governo do estado na região. Nesse contexto, o Dr. Clímaco e o gráfico Fausto Peppe fundaram o Paraná-Jornal²⁴.

As discussões políticas tinham um lugar privilegiado na vida do Sr. Cypriano. Com a convivência que ele tinha com os políticos da cidade e com os

²³ CUTI. ... E disse o velho militante José Correa Leite. Secretaria Municipal de São Paulo: Cultura, 1992.

²⁴ SILVA, Maria Nilza da; Panta, Mariana. O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva - a presença negra pioneira em Londrina. Londrina: [s.n.], 2010.

próprios diretores da Companhia, o líder fundador percebia a forma e o momento propício em que era possível ele adquirir algo em prol da comunidade negra, especialmente com relação aos interesses e objetivos que ele tinha para a organização negra para cuja consolidação.

Quando surge a Sociedade Beneficente Princesa Isabel em 1939, com seus objetivos já elaborados de promover um espaço de recreação para a comunidade, uma escola que valorizasse a cultura e a trajetória do negro no Brasil, que pudesse também proporcionar assistência médica, odontológica e jurídica de caráter filantrópico, como pode ser constatado em documento anexado ao final deste trabalho (ANEXO 2), a partir de seus contatos, o Sr. Cypriano Manoel começa a buscar formas de conseguir apoio.

O Manoel tinha muito relacionamento, me lembro que o Sebastião Vieira Lins era deputado federal e ele tinha um relacionamento com a União Soviética, ele dava até orientação para a gente: Olha vocês fazem uns papeis e tal, que eu vou colocar lá e tal... verbas para a AROL. Então eles colocaram lá e a gente teve alguma subvenção, não muito, mas tivemos. Do resto era arrecadação nossa, ajuda da Companhia e da própria prefeitura, que ajudou bastante a AROL²⁵.

Como se observa nesse trecho e pode ser constatado em documento de prestação de contas (ANEXO 3), a Sociedade, no ano de 1955, recebeu uma subvenção do Governo Federal no valor de Cr\$ 50.000 (cinquenta mil cruzeiros), valor referente à moeda em vigor na época. Nesse momento, a organização de Londrina ainda não havia construído uma sede e, portanto, não era viável o cumprimento de todos os seus objetivos (conferir no ANEXO 1).

Os valores arrecadados eram utilizados para o pagamento de aluguéis referentes ao ano todo e para adquirir certa estrutura para a realização de bailes. Com o tempo, a Sociedade, além dos aluguéis de um espaço, foi adquirindo móveis e utensílios para escritório (ANEXO 4). Com os documentos que foi possível resgatar percebe-se que as contribuições federais se iniciaram no ano de 1955 e perduraram até o final da década de 1960.

No momento em que se encontra esta discussão, a intenção é dar ênfase à articulação que o Sr. Cypriano fazia para conseguir realizar os objetivos a que se propunha na formação da Sociedade. Seus contatos na CTNP, na prefeitura

²⁵ Trecho de entrevista concedida por Dr. Oscar Nascimento, em 24 de fevereiro de 2015.

e até com pessoas que tinham certa influência fora do Estado possibilitaram que a organização prolongasse sua sobrevivência.

O Sr. Cypriano tinha uma afinidade com a forma de fazer política de Getúlio Vargas e do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que nasceu sob uma vertente bonapartista de Vargas. Quando o Estado Novo estava em declínio e buscava formas para sua continuidade se amparou no proletariado, apesar dos pequeno-burgueses e das especificidades regionais que o influenciava, ou seja, o PTB de Vargas incorporava as reivindicações do proletariado nos limites possíveis que o capitalismo conseguia tolerar.



Figura 6. Passeata da comitiva de Getúlio Vargas a Londrina. Próximo ao carro, à direita, encontra-se o Sr. Cypriano Manoel.

Francisco Weffort explica que o populismo é um “estilo político manifestamente individualista”, diluindo o sentido das contradições de classe num sistema amplo e vago que se chamou de povo. Era uma forma de se fazer política pautada na massa organizada e nos sindicatos. Querendo ou não, em muitos

lugares, o PTB se transformou em um partido representativo da classe trabalhadora²⁶.

O pensamento entre a comunidade negra de cidades como São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, no início dos anos de 1920, partia do pressuposto de que o negro deveria buscar maneiras de se transformar para conseguir se inserir material e moralmente na sociedade e, ao mesmo tempo, procurava formas de participar da riqueza, da cultura e da política que eram quase que exclusivamente usufruídas pelos brancos. O que acontece é que esse pensamento se pautava no equívoco anseio do negro de assimilar os usos e costumes permitidos pela cultura da sociedade²⁷.

Os dois elementos apresentados nesses últimos parágrafos servem para elucidar a compreensão da dinâmica do pensamento do Sr. Cypriano relacionada com a conjuntura da época (década de 1950) que acabou por impulsionar o surgimento da Associação Recreativa Operária de Londrina – AROL.

Para o Sr. Cypriano Manoel, por um lado, o negro deveria modificar suas autoconcepções de como portar-se, de *status* e de papéis sociais, esforçando-se para assimilar os modelos de *ser* compartilhados pelos brancos. Essa estratégia imperante no pensamento da comunidade negra das primeiras décadas após a abolição era a forma que estes achavam possível em seu meio para atingir uma ampla inserção do negro na sociedade que estava em processo de mudança. Por outro lado, a conjuntura em que surge a AROL (1956-7) era um momento em que há pouco as urnas haviam elegido Juscelino Kubitschek como presidente e João Goulart como vice, ratificando as inúmeras manifestações no país motivadas pela morte de Vargas. Estas, por sua vez, contribuíram significativamente para conter o golpe que a União Democrática Nacional – UDN civil e militar sempre planejava²⁸.

A coligação PSD-PTB para a maioria dos trabalhadores significou a garantia de que não seriam liquidadas as conquistas sociais que o trabalhador alcançara até ali, e, de certa forma, significava o prolongamento da forma getulista de agir, mediar os interesses do campo institucional, os partidos políticos, os

²⁶ WEFFORT, Francisco C. Política de Massas in IANNI, Octávio. Política e Revolução Social no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 182.

²⁷ FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008, p. 37.

²⁸ WEFFORT, Francisco C. Política de Massas in IANNI, Octávio. Política e Revolução Social no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

sindicatos com o capitalismo. Naquele momento, essa estratégia, de certa forma, garantiu estabilidade política ao Brasil²⁹.

Em Londrina, o prefeito eleito, Antônio Fernandes Sobrinho, era filiado ao Partido Social Democrático - PSD com mandato de 1955 a 1959. Este prefeito utilizava da estratégia de mediar as relações entre sindicato e governo, mediação que o elegeu naquele momento. Nesse período, anterior à construção de sua sede, o Clube já havia se articulado com alguns sindicatos da cidade, que eventualmente emprestavam suas sedes para a realização dos encontros da Sociedade Beneficente Princesa Isabel, bem como havia uma articulação com o poder público que permitia a utilização do espaço da Câmara dos vereadores para as reuniões.

Nesse contexto, foi propício o surgimento de uma mudança na forma de como a população negra se organizava. Obviamente, essa mudança se deu por influência maior do Sr. Cypriano e de sua rede de contatos, em sua maioria membros de sindicatos, que, quando houve a alteração do nome e de algumas características da organização negra londrinense para AROL, tornaram-se membros da diretoria. Assim, consegue-se compreender o papel do prefeito nesse processo.

De maneira alguma pode-se afirmar que a mudança de nome para AROL se deu por puro e simples desejo do prefeito da época. Como se pode notar nesta discussão, essa é uma questão bem mais complexa e que, na verdade, convergiu os interesses de todos os lados.

Segundo relatos, o prefeito teria sugerido ao Sr. Cypriano Manoel ampliar a abrangência da organização de que ele era a liderança, passar de uma organização com prioridades raciais para uma organização social, que aproximasse os trabalhadores e que suas ações, a partir daquele momento, se voltassem com maior ênfase às questões sociais, às demandas trabalhistas. Esse pensamento era uma das estratégias utilizadas para a permanência do ideal de democracia racial no Brasil, mas que havia sido ultrapassada por muitas das organizações negras naquele período, pois está se considerando a década de 1950. Ultrapassada, pois, como foi discutido anteriormente, esse pensamento havia ludibriado as organizações negras nas primeiras décadas após a abolição.

A existência de organizações ou entidades negras sempre foi uma preocupação para o poder público, pois evidenciava a existência do racismo, da

²⁹ *Ibidem.*

discriminação racial, de conflitos, de preconceito... Em Londrina, o problema foi resolvido naquele momento. O Sr. Manoel Cypriano era uma vanguarda na discussão racial na cidade, isso é indiscutível. No entanto, os conhecimentos que ele possuía sobre a questão estava pautado nas manifestações, estratégias, ações e pensamento das organizações negras do início do anos de 1920 por onde ele passou antes de chegar a Londrina em 1934. O pensamento dessas organizações negras convergia especialmente, para o pensamento nacionalista e integralista da época, apesar de vir acompanhado desde o princípio de um espírito reivindicacionista³⁰.

Em toda trajetória do Sr. Cypriano em Londrina, esta esteve integrada com a organização negra. Ele foi o pivô das conquistas que o Clube teve, desde sua formação lá em 1937 com o Quadrado, passando pela Sociedade Beneficente Princesa Isabel quando foi possível colocar as ideias e objetivos no papel e criar mecanismos para os pôr em prática. Assim foi a intenção dele em reaver seus contatos e articular o recebimento de verbas públicas. Quando estava se tornando AROL, a construção de uma sede para abrigar, especialmente, uma escola que atendesse os interesses da comunidade negra, o Sr. Cypriano novamente se articula.

Nota-se que para o Sr. Cypriano a prioridade era conseguir, por qualquer meio necessário, desenvolver a comunidade negra de Londrina. Proporcionar a ela aquilo que a perversidade do racismo vinha negando por trás do discurso da democracia racial. Mesmo com a participação massiva de sindicalistas na AROL, inclusive na diretoria, o Sr. Cypriano conseguiu dar continuidade a parte dos objetivos principais lá da Sociedade Beneficente Princesa Isabel (rever em ANEXO 2): a construção de uma escola que atendesse principalmente a comunidade negra e valorizasse sua cultura, buscando transformar as relações raciais estabelecidas; a realização de concursos de beleza, com ênfase na beleza negra; quando a AROL saía coletivamente, a única bandeira levantada era pelo fim da discriminação e do preconceito racial.

O espaço para a construção da sede do Clube foi reivindicado pelos membros da diretoria na primeira reunião da AROL e a reivindicação registrada em Ata (ver anexo 5), que destacava como uma questão de justiça, pois era uma

³⁰ FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008, p. 39.

questão de compromisso pelo prévio acordo com o prefeito. Após uma comissão ter sido tirada naquela ocasião e se responsabilizado em falar com o prefeito, a empreitada teve sucesso. O prefeito então verifica um local onde um terreno de propriedade da prefeitura pudesse ser doado e entra em contato com o Sr. Cypriano. O local selecionado foi na rua Araguaia, 146 – Vila Nova.

Ele [o prefeito Antônio F. Sobrinho] pegou o carro da prefeitura, o motorista dele, o Manoel e eu. Aí ele consultou um engenheiro, perguntou: Aonde tem um terreno num lugar bem central ou o mais central, que seja da prefeitura que eu vou doar para a Sociedade? Aí o engenheiro viu aquele lá na Vila Nova, um terreno que é mais do que uma data. Chamou a gente e disse: Esse é o terreno e tal, se vocês acharem que está bom, eu vou pegar esse terreno e vou doar para vocês. E doou e ainda falou: Olha, e vou ajudar vocês a construírem a sede³¹.

Tendo o terreno sob posse do Clube, seria preciso mobilizar seus integrantes para contribuir com a construção da sede contando inicialmente com um salão para realização de bailes e uma estrutura para o funcionamento de uma escola pública. Isso não foi difícil na ocasião, pois estavam todos num mesmo entusiasmo para essa empreitada. Aqueles que não conseguiam dispor de tempo para a obra, contribuía com dinheiro ou materiais necessários. O Sr. Cypriano conseguiu inclusive, doação de madeiras da Companhia. A prefeitura estava desmanchando uma outra estrutura pública de madeira para fazer uma de alvenaria e uma parte dessas madeiras foi para a construção da sede da AROL.

Seus discursos enalteciam a importância da solidariedade entre os negros, sobretudo, a importância de uma escola que constrói seu plano de ensino para contribuir com o desenvolvimento intelectual de um coletivo negro e o compromisso dos associados em garantir a manutenção das conquistas até ali alcançadas. Os bailes de escolha da rainha negra procuravam acontecer na data do 13 de maio, não para lembrar de um passado na condição de escravo, mas para construir uma nova perspectiva do ser negro e da beleza negra.

Como foi possível observar, e essa foi a intenção deste subcapítulo, a trajetória da organização negra de Londrina era misturada com a própria vida de seu líder. Após sua morte, em 14 de agosto de 1964 (ver em ANEXO 1), por uremia, em consequência de uma insuficiência renal, as bases do Clube começaram a se

³¹ Trecho de entrevista concedida por Dr. Oscar Nascimento, em 24 de fevereiro de 2015.

deteriorar. Provavelmente, a falência de seus rins já vinha prejudicando sua atuação e disponibilidade no Clube, mas por uma questão de respeito ao papel importante que o Sr. Cypriano desenvolveu em prol da comunidade negra londrinense, ele continuou com seu cargo de presidente até sua morte.

A falta de outra liderança que pudesse se dedicar, como o Sr. Cypriano Manoel havia feito, acarretou, com o passar dos anos, a desmobilização dos associados do Clube. O contexto político que o Brasil enfrentava (golpe militar de 1964) agravou ainda mais a crise da AROL, segundo relato do Dr. Oscar Nascimento.

3. ASSOCIAÇÃO RECREATIVA OPERÁRIA DE LONDRINA - AROL

Em Londrina, a organização dos negros, influenciada por uma perspectiva nacionalista alimentada pelo posicionamento político varguista do líder fundador, o Sr. Cypriano Manoel, acabou por assimilar também a ideologia integralista. Ou seja, na forma como se organizou a AROL, pode-se perceber o caráter autoritário que imperava. A diretoria era escolhida por eleição, como pode ser observado nos diferentes documentos anexados ao final deste trabalho, no entanto, tinha um caráter vitalício. Foi uma diretoria reeleita por longa data, do seu início em 1957 até 1964, apenas sendo alterado um ou outro cargo em categoria de menor poder de decisão³².

De qualquer maneira, a AROL, a seu modo e com as ferramentas de que dispunha, buscou resgatar e valorizar a dignidade e a autoestima de seus associados, especialmente os pertencentes à população negra, assim como buscar formas de proporcionar e impulsionar a ascensão do negro pela educação.

Para compreensão desse processo, Paul Singer fornece uma ferramenta considerável, mostrando em seus estudos que, mesmo que a liderança de um movimento social tenha uma preocupação pedagógica, as bases podem permanecer passivas no que se refere à produção ideológica, tendo somente uma preocupação em sanar suas necessidades imediatas³³. Isso quer dizer que, se compararmos com o próprio movimento negro que emergiu nos anos de 1980 em Londrina, este último possui características mais radicais, sobretudo porque contesta a estrutura e a ordem social³⁴.

Deve-se lembrar que a opção da AROL era promover certa harmonia entre os outros grupos raciais dentro de uma concepção explícita que o Sr. Manoel Cypriano partilhava com Getúlio Vargas de defesa da nação, porém o respeito à ordem e a obediência às leis não significaram conformidade. A ideia era a articulação, já que naquele período reivindicações políticas eram vistas pelo grupo como ineficientes. Essa harmonia que a AROL promovia é bastante ressaltada ainda

³² Petronio Domingues.

³³ SINGER, Paul – “Radiografia da „democracia racial” brasileira”. Racismo Cordial. A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil. TURRA, Cleusa; VENTURINI, Gustavo, organizadores – São Paulo: Editora Ática, 1995.

³⁴ *Ibidem*.

hoje pelos seus membros como uma atitude memorável.

A ação como estratégia de transformação da posição subalterna em que se encontram os negros ainda na atualidade na sociedade brasileira não ganhou a organização negra londrinense, e seus objetivos não estavam pautados na derrubada da estrutura. Parece, nesse sentido, que sua preocupação estava em fazer com que os negros, à revelia ou não, participassem da vida social da cidade, participando de maneira ativa na vida política, na educação etc.

A educação era a principal ferramenta para se atingir esse objetivo, era a maneira de transpor as barreiras colocadas pelo racismo, pela discriminação e pelo preconceito. Para a organização da AROL, a integração seria possível a partir de uma ação disciplinada, dentro dos limites da ordem e da legalidade. É possível compreender essa escolha por uma ação disciplinada da AROL, quando aparece a informação de que as poucas manifestações em que o Clube saiu às ruas, estas, por sua vez, eram informadas e organizadas juntamente e com o aval da prefeitura. Também quando é exposto um documento (ver em anexo 6), referente à primeira posse da diretoria da AROL, o documento mostra a composição da chapa e como um dos “presidentes de honras” aparece o nome do então prefeito, o Sr. Antônio Fernandes Sobrinho.

Outro elemento que evidencia essa estratégia da AROL é na coroação da rainha negra no baile de comemoração ao dia da abolição e também na data de aniversário da entidade, em que a primeira dama entrega a faixa e dá os cumprimentos. Percebe-se, assim, que a festividade também contava com a presença do prefeito e de outras autoridades. Parece que cada ação precisava ser legitimada pelo poder público, especialmente. Claro, a valorização da beleza negra está num lugar de contraposição da ordem, em que o padrão de beleza referencial é o branco.

Os bailes e eventos sociais da AROL eram perpassados por uma extensa preocupação da diretoria, ficando a cargo de seu líder fundador realizar ações pedagógicas, como discursos e exemplos de conduta moral, ou seja, toda forma que pudesse contribuir com o aperfeiçoamento e a elevação cultural dos seus associados assíduos nesses eventos.

A conduta do negro membro da AROL nos espaços públicos era pauta da maioria dos discursos do presidente, sobretudo nas festividades carnavalescas (a

AROL contava também com uma escola de samba, a Unidos da Vila Nova). A disciplina cobrada advinha do próprio Sr. Cypriano, com a pretensão de que uma das formas de o negro evitar ser discriminado era estar sempre com uma postura incontestável.



Figura 7. Festividade de inauguração da sede da AROL em 1958. Ao centro da mesa está primeira dama e o prefeito, o Sr. Antônio F. Sobrinho, sobre os outros componentes não há conhecimento. Ao fundo, em pé, está o Dr. Oscar Nascimento.

A união da organização negra com os sindicatos da cidade também era bastante revisitada nos discursos e nas reuniões da diretoria. Nas primeiras atas da AROL, constam inúmeras vezes a presença do trabalhador, a questão racial a que se propunha no início da organização negra. A Sociedade Beneficente Princesa Isabel é praticamente retirada de pauta; praticamente, porque o lugar em que ela aparecia era na organização dos bailes anuais de coroação da rainha do Clube. A defesa do Sr. Cypriano consistia em protagonizar a beleza negra.

Há de se notar que de maneira alguma o caráter autoritário e vitalício da diretoria do Clube foi contestada. Muitas vezes era até reafirmada como a forma possível que os negros tiveram para manterem-se congregados para o cumprimento de seus objetivos.

Primeiramente diagnosticam-se uma crise e um certo despreparo para enfrentá-la. O despreparo, de forma alguma, seria de responsabilidade de seus

integrantes, mas de forças externas que desejavam controlá-los e cooptá-los. Marilena Chauí demonstra como os integralistas utilizavam a crise para constituir um medo que justificasse suas ações. A crise e o carisma permitiriam construir um problema comum ao grupo, fornecendo as desculpas necessárias para o recrudescimento das hierarquias e da repressão contra aqueles que a contestassem.

Nesse contexto, surge, então, a responsabilidade do Sr. Cypriano em defender, em prol da preservação de uma imagem externa positiva construída, certos valores necessários para a existência dos bons costumes. Para Chauí, a centralização do poder é a consequência lógica do uso político da imagem de uma crise ou problema. O líder acaba ganhando poderes totalitários e os outros membros, opositores ou não, não mais discordam³⁵.

O nacionalismo tão defendido pelo líder fundador da organização negra permitiu que fosse possível elencar elementos raciais, sociais, políticos e a própria união com os sindicatos da cidade (dos Madeireiros, dos Viajantes Comerciais) com a preocupação analisada anteriormente de consolidar a visão do negro como parte do todo. Transforma o racismo e o preconceito em parte da conspiração ligando o destino do negro ao da própria nação. Tanto as lideranças do Integralismo como da Frente Negra Brasileira - FNB tiveram berço no mesmo movimento social ligado às críticas à República, por questões de saneamento, higienização, educação, segurança etc.

A análise de Petrônio Domingues sobre o início da FNB evidencia o que já foi discutido anteriormente, pois explora essa relação de proximidade da organização negra com o governo de Getúlio Vargas e seus interesses, mostrando como a FNB, além de receber visitas constantes de autoridades, como o Chefe de Polícia do Estado e de um General do Exército, sua direção comunicava à Delegacia de Ordem Política e Social (Deops) todas as suas atividades. Acredita-se que assim como a FNB, a AROL também tinha a preocupação de manter a imagem de uma organização ordeira e legalista, concomitantemente, defender um tipo de governo que convergia com o modelo de gestão defendido pela entidade: nacionalista e autoritária.

Não há dúvida de que o nacionalismo era um denominador comum na imprensa negra da época em que o Sr. Cypriano Manoel viveu em São Paulo e

³⁵ Chauí, Marilena. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira" In Chauí, Marilena e Franco, Maria Sylvia Carvalho. Ideologia e Mobilização Popular. (CEDEC/Paz e Terra, 1978).

Campinas. No entanto, havia diferentes grupos que faziam outros tipos de encaminhamentos e que, no final, chegavam ao mesmo lugar da FNB. No jornal Clarim da Alvorada, por exemplo, o nacionalismo de seus editores não impediu a existência de colunas sobre a situação dos negros fora do Brasil, muito menos uma leitura socialista dos problemas e das soluções para o Brasil.

Percebe-se o rumo tomado pela organização negra de Londrina, em 1957 quando se torna Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL, de diluir as discussões raciais no sentido de intervenção nas demandas sindicalistas e de cunho geral (ver anexo 12), no momento em que o Sr. Oscar Nascimento agradece a posse da nova diretoria, congratulando-se com os companheiros de direção e conscientizando-os à luta em favor da sociedade. Ou seja, o lugar privilegiado que antes a questão do negro tinha na Sociedade Beneficente Princesa Isabel (ver Anexo 2), onde as ações eram voltadas exclusivamente para a assistência e o desenvolvimento da população negra londrinense, agora, limitava-se à festividade de comemoração ao 13 de maio que também era a data em que se comemorava a fundação da AROL, com a realização do concurso de beleza que coroava sempre uma mulher negra (ver Anexo 10).

De certa forma, isso devia ter sido frustrante para o Sr. Cypriano Manoel, mas era consequência de suas alianças arbitrárias. Em uma das Atas da AROL, consta a reivindicação do Sr. presidente, logo após a construção da sede, para os membros da diretoria viabilizarem uma caixinha para que fosse concretizado um dos objetivos da Sociedade Beneficente Princesa Isabel: a construção de um hospital sob a direção Clube. A partir das notas de despesas, conferidas ao final do trabalho, verificou-se que os pagamentos recebidos e o que se gastava para a realização de cada baile (anexo 14) eram iguais, um cobria o outro. Como o Clube já tinha a responsabilidade com a escola municipal, em funcionamento na sede da AROL, o hospital acabou não sendo concretizado.

Percebe-se que, desde muito cedo, a AROL tinha dificuldade em organizar um número significativo de seus sócios para uma assembleia. Há nas Atas vários momentos em que se tinha que aguardar algumas horas para ter o número necessário para reeleger a diretoria, mas os bailes e as festas carnavalescas estavam sempre lotadas. Isso demonstra a falta de articulação política que o Clube tinha com a população negra em geral de Londrina. Talvez isso seja reflexo da

política que se tinha na Associação.

Essa situação se agravou quando o Sr. Cypriano Manoel ficou doente, decorrente de uma diminuição gradativa do funcionamento dos rins. No ano de 1964, as assinaturas ao final das Atas eram de números ínfimos, contando com 3 ou 4 assinaturas, não chegava a 10% do número de associados registrados (426) que até pagavam mensalidade. Nessa Ata em específico (anexo 11) de posse da diretoria, consta que havia cargos vagos e que até aquele momento, não havia pessoas para ocupá-los, problema que foi resolvido posteriormente.

Essa falta de assiduidade também poderia comprometer o funcionamento da Escola Municipal AROL, porque no ano de 1964 a organização já não recebia regularmente as verbas nem do Governo Federal, nem da Prefeitura. Isso comprometeu de tal forma a escola que em 4 anos o Departamento de Educação e Assistência Social – DEPAS interditou o prédio.

Cerca de dois anos após a morte do líder fundador, o Sr. Cypriano Manoel, em Ata de 3 de outubro de 1967 (ver anexo 13) já se percebe que há uma preocupação com o fato de o Clube não ter a posse da escritura do terreno onde foi construída a sede. Como foi elencado anteriormente é de conhecimento do leitor que o terreno foi doado, mas essa doação não passou pela Câmara, assim não foi oficializada.

Mais tarde, com o fim da escola AROL, e os bailes sem condições de serem realizados na sede, em 1970, a sede do Clube é alugada a um senhor. No contrato de locação (anexo 15), informa-se que a locação permite a realização de bailes, festividades e, inclusive, exploração de bar, e o valor cobrado é de Cr\$ 150.000 (cento e cinquenta mil cruzeiros).

Em 1971, o Clube recebe uma proposta e aluga o espaço para a realização do culto religioso da Igreja do Evangelho Quadrangular. Num primeiro momento, referia-se ao período de seis meses, conforme contrato de ocupação (Anexo 16), mas, pelo que se tem registro (ver anexo 17, referente aos recibos de pagamentos dos aluguéis), a Igreja continuou alugando o espaço até 1974.

Esse contexto em que se encontrava a AROL, e as próprias ações de abandono do espaço, como alugar para outra entidade, teve consequências irremediáveis para a memória da organização negra que surgira lá nos primeiros anos de Londrina (1937). Quando se tomou consciência disso já era tarde demais.

Nos anos de 1980, no governo de Antônio Belinatti, a AROL recebe uma informação de que perderia o terreno e a estrutura de madeira. O espaço e o terreno estavam sendo reivindicados por justa causa pela mesma igreja que, desde 1970, estava alugando e pagando os devidos aluguéis.

Nesse período estava germinando um novo movimento, um movimento negro com outras formulações políticas, mais radicais e de intervenção na estrutura das relações raciais. Logo um grupo de pessoas se articulou para impedir a perda do espaço. A principal alegação foi que ali era um ponto de memória para a comunidade negra e um patrimônio para a cidade de Londrina. Os esforços não tiveram sucesso.

É provável que a entidade religiosa tenha descoberto que o Clube não tinha a escritura do terreno e que aquele era um terreno de uma doação pública irregular, portanto o Clube estava cobrando indevidamente aluguéis pelo espaço, que era um espaço público.

A alegação da entidade religiosa se baseou especialmente nessas questões, somadas ao abandono, e também que ela já havia investido no espaço, construindo uma casa de moradia com dois banheiros e uma varanda.

A maneira cuidadosa com que deve ser tratada essa questão da AROL não é apenas importante no âmbito da história das origens do movimento negro londrinense, mas, sobretudo, para a história dos movimentos pelo fim do racismo. Refletir sobre a história de aproximação do integralismo/nacionalismo em um dado momento da trajetória do movimento negro de Londrina é destacar como a história é cheia de conflitos e incoerências. Diz Sueli Carneiro a esse respeito, *cada vez que exigem de mim uma 'coerência', que eu como negro funcione segundo aquilo que você entende que seriam os meus interesses legítimos, você está reduzindo a minha humanidade*³⁶.

³⁶ “Sueli Carneiro: uma guerreira contra o racismo” (Entrevista Explosiva), *In: Caros Amigos*. Ano III, n. 35, fev. 2000.

A AROL e a questão da educação

Embora a educação no Brasil tenha sido a principal forma de ascensão social, a limitada presença da população negra no processo educacional pode ser caracterizada a partir das contradições expressas no sistema educacional, isto é, a cor da pele opera como um elemento negativo no desempenho escolar e no tempo de permanência na escola. Para a população negra, esse contexto adverso, da inclusão marginal e das práticas de discriminação racial à cidadania plena continuava distante³⁷. Neste contexto é que a população negra se organizou, criando as primeiras associações, considerando a educação como o pontapé inicial para a ascensão social do negro.

Segundo Hasenbalg³⁸, os negros acompanharam a expansão do sistema educacional elevando sua taxa de alfabetização. No entanto, os progressos educacionais dos negros foram mais lentos do que os do grupo branco, isso se agrava se forem considerados os níveis educacionais superiores³⁹.

As tentativas da população negra de criar escolas após a abolição nem sempre foram exitosas, em virtude de vários fatores: falta de recursos, ausência de apoio estatal, precária qualificação pedagógica dos gestores dos projetos etc. O problema é que muitas dessas escolas funcionaram durante pouco tempo.

Em 1944, o Teatro Experimental do Negro – TEN, fundado e coordenado por Abdias do Nascimento na cidade do Rio de Janeiro, promovia cursos de alfabetização. Esses cursos significavam um compromisso dos militantes com a propagação de uma afirmação positiva da identidade negra e de sua cultura. Nas primeiras décadas posteriores à abolição, havia uma maioria de pessoas negras analfabetas no Brasil. Com o surgimento das associações e clubes negros, a preocupação com a educação dos negros se materializou pelo Brasil com a criação de escolas populares vinculadas aos Clubes. Essa estratégia visava possibilitar aos

³⁷DOMINGUES, P. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. V. 13, n. 39, p. 19, 2008.

³⁸HASENBALG, Carlos. Discriminação e Desigualdades no Brasil. 2ª edição. Belo Horizonte: Humanitas, 2005, pp. 189-202.

³⁹*Ibidem*, p. 199.

negros melhores condições de vida, sobretudo melhores condições de competir no mercado de trabalho⁴⁰.

Na cidade de Campinas, no ano de 1902, Francisco José de Oliveira fundou a escola que se chamava São Benedito com o intuito de alfabetizar os jovens negros. Já em 1907, a escola contava com 272 estudantes matriculados. Um ano depois (1908), a escola contava com 422 estudantes. Outras sociedades beneficentes deram uma atenção significativa à formação educacional da população negra⁴¹.

Foi o caso da Associação Beneficente Centro da Federação dos Homens de Cor, que abriu uma escola mista chamada São Benedito. Suas atividades eram realizadas na Rua Brigadeiro Galvão, 70-A (*O Combate*, 13 maio 1915, p. 1). Já a Sociedade Beneficente Amigos da Pátria era a responsável pela escola Progresso e Aurora. Aberta no dia 13 de maio de 1908, era dirigida por Salvador Luís de Paula, um negro ex-ativista do movimento abolicionista. Em 1919, a *Progresso e Aurora* também abriu classes mistas, uma raridade para a época. Essa foi a escola de negros de maior longevidade na cidade de São Paulo⁴².

A FNB foi a organização negra que desenvolveu iniciativa educacional, com a construção de um plano pedagógico de certa forma específico e definido. Foi uma organização que proporcionava aulas tanto no período diurno como no noturno. Alfabetizava e também conseguiu instituir disciplinas como gramática, geografia, história, aritmética e geometria. Manteve, com recurso proveniente de seus membros e educadores uma biblioteca e promovia palestras culturais constantemente. A FNB impulsionou o amadurecimento do movimento negro em São Paulo que emergia naquele período⁴³.

A presença da população negra no processo educacional formal é marcada por contradições. Os efeitos dos mecanismos de discriminação no sistema educacional, atingem especialmente os negros. A cor da pele passa a ser um elemento que afeta prejudicialmente o acesso, o desempenho escolar e a permanência na escola.

⁴⁰ MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje*. Belo Horizonte: Global, 2006, p. 121-124.

⁴¹ DOMINGUES, P. **Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação**. V. 13, n. 39, p. 19, 2008.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Ibidem*.

Na história do Brasil, diversas medidas foram tomadas para que a população negra não acessasse espaços que impulsionasse seu desenvolvimento. Nesse período, essas medidas eram institucionalizadas. Um exemplo é a Lei complementar à Constituição de 1824: pela legislação do império, os negros foram impedidos de frequentar as escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas, e o grupo social dominante do Brasil sabia que o acesso ao saber sempre foi uma alavanca de ascensão social, econômica e política de um povo. Então os racistas brasileiros utilizaram diferentes mecanismos para restringir o acesso do negro à educação.

Uma das manifestações do racismo na escola está na presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos, especificamente nos livros didáticos. A presença desses estereótipos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a autorrejeição e a baixa autoestima, que dificultam a organização política do grupo estereotipado. Os estereótipos têm uma função importante nesse processo, uma vez que é através deles, em grande parte, que as ideologias se manifestam nos materiais pedagógicos.

O professor pode vir a ser um mediador inconsciente desses estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista que não contempla outras formas de ação e reflexão. Não irá questionar de que forma o negro é tratado nos livros didáticos ou mesmo nos livros de literatura disponíveis ao estudante da escola pública. O negro é frequentemente tratado como escravo, sem apresentar os inúmeros movimentos de resistência que surgiram no sistema escravista.

A desconstrução da ideologia reproduzida na escola e em outras esferas da sociedade abre a possibilidade de reconhecimento e aceitação dos valores culturais do grupo marginalizado, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade.

Desde a Sociedade Beneficente Princesa Isabel, o líder fundador da organização negra em Londrina idealizou a possibilidade de vincular a proposta de discussão da situação do negro com um plano pedagógico de ensino. Não se tem nenhum registro referente à existência de um plano pedagógico diferenciado. A

estratégia era proporcionar à comunidade negra acesso à educação enquanto coletivo.

A existência da Escola Municipal AROL na cidade de Londrina não foi longa, como também a maioria dos educadores que lecionavam na escola, não advinham da organização, eram educadores que não participavam da vida daquelas crianças. Na pesquisa realizada não constou que os professores que lecionavam na escola participasse do Clube, com exceção de Dona Ilda, que lecionava na escola e frequentava assiduamente os bailes e que provavelmente era a única professora negra do quadro de educadores.

O diferencial maior da Escola AROL foi ter por toda a sua existência um diretor negro, o Dr. Oscar Nascimento, já formado em economia e, na ocasião em que se formou a escola, estava estudando direito. Obviamente que deve ter sido um desafio pra ele, pois ele não fez magistério. Levou a escola com seus princípios humanitários, com sua experiência na organização e, especialmente, sua trajetória educacional⁴⁴.

Em sua curta trajetória, a Escola AROL teve poucos recursos financeiros para encaminhar suas atividades. A verba que vinha da prefeitura era quase que totalmente utilizada para fins de limpeza e reposição de lâmpadas, cortinas (ver Anexo 7). Era irrisória a contribuição financeira que a AROL recebia em mãos. Também era a prefeitura a responsável por efetuar o pagamento dos professores.

Quando a AROL conseguiu construir sua sede, no projeto de construção já estava previsto um espaço destinado à Escola AROL. A escola chegou em seu poucos anos de vida a funcionar com turmas em 3 períodos, sendo o noturno direcionado à alfabetização de adultos. Havia na escola uma biblioteca própria, mas esse é um elemento que não aparece em documento nenhum. Não aparece em nenhuma nota fiscal a compra de qualquer livro que seja. Essa informação aparece apenas em entrevista com o Dr. Oscar Nascimento. Aliás, nem nas reuniões do Clube colocava-se na pauta a escola.

Não se discutia sobre a escola. Pode ser que, dentro daquelas preocupações e concepções políticas, a escola também fosse colocada num plano

⁴⁴ Ler em Maria Nilza da Silva, Mariana Panta, Alexsandro Eleotério de Souza. Negro em movimento : a trajetória de Doutor Oscar do Nascimento. Londrina : Universidade Estadual de Londrina, 2014. – (Presença negra em Londrina). 72 p.

secundário. A data do 13 de maio era dia de festa na escola, mas direcionada às mães e às crianças quando a data caía em dia letivo.



Figura 8. Festa para as crianças, no dia 13 de maio, dia da Abolição e da fundação do Clube.

É notável, no arquivo iconográfico preservado da Escola AROL, que no corpo estudantil havia tanto negros quanto brancos. A diversidade que foi proporcionada naturalmente promoveu uma interação importante naquele ambiente escolar e pode, sobretudo, ter contribuído naquele momento com uma maior tolerância em relação à diferença na vida daquelas crianças.

Nas fotos de sala de aula, é evidente a presença de algumas fotos de personalidades negras, como José do Patrocínio, Luiz Gama e Zumbi dos Palmares.



Figura 9. Crianças posando para a foto no parque infantil do pátio da sede da AROL.

Atualmente, muito estudos foram realizados e afirmou-se o papel importante de símbolos como esse na convivência da sala de aula. É parte de um projeto pedagógico de educação em respeito às diferenças.

De modo geral, a Escola AROL conseguiu atingir seus objetivos. Conseguiu, especialmente, ser um diferencial na cidade, pois em suas paredes havia fotos e imagens de algumas das personalidades negras que representavam a resistência negra, seja do período da escravidão, como Zumbi dos Palmares, ou personalidades da contemporaneidade, como Solano Trindade.



Figura 10. Interior da sala de aula da Escola Municipal AROL. Em pé encontra-se o Dr. Oscar Nascimento, então diretor da escola.

Nesse sentido, pode-se considerar a Escola AROL vanguarda, pois havia uma preocupação da diretoria em proporcionar aos estudantes, por um lado, uma convivência com a história do negro, fora da passividade, e, por outro lado, o próprio protagonismo negro dentro da organização da qual ela fazia parte. Era um espaço onde o negro aparecia quebrando certos conceitos. Isso se deve ao Sr. Cypriano, pois ele exigia que o membros do Clube estivesse sempre de trajes formais. Esse elemento também entra num campo simbólico importante, pois traz consigo uma ruptura com o que se espera do negro.

A recreação na AROL

O caráter recreativo do Clube AROL foi o que mais teve visibilidade na cidade de Londrina. Desde o Quadrado, a organização negra de Londrina realizava bailes a fim de proporcionar um espaço de sociabilidade à comunidade. Foi, porém, quando o Clube se tornou AROL que começaram a ser realizados os concursos de beleza. O Clube promovia um baile anual para a escolha de sua rainha. Nesse concurso as candidatas deveriam ser negras e associadas ao Clube, esse era um critério para a participação. Isso se iniciou aproximadamente em 1959.



Figura 11. Coroação de Santina Pereira, a primeira rainha do Clube AROL em 13 de maio de 1959. Autor da foto desconhecido.

Esses bailes de coroação da rainha por muitas vezes eram marcados pela presença de autoridades públicas, que simbolicamente coroavam a candidata eleita.

A inclusão dessa coroação nos bailes do Clube se caracterizava como uma tentativa de enaltecer e valorizar a beleza da mulher negra. As negras e os negros vestiam roupas que muitas vezes eram feitas para aquela ocasião, valorizavam seus cabelos crespos, e isso consistiu em instrumento bem-sucedido dentro da comunidade, especialmente, entre os jovens, que passaram a afirmar a

sua negritude através do reconhecimento de seu corpo e cabelo negro. Era um momento de orgulho.

Os concursos de beleza eram realizados em diversos Clubes e Associações negras. Como a mulher negra era pouco valorizada com relação à sua beleza pela sociedade, isso porque eram apreciadas características como sua ligação maternal, sobretudo com as crianças brancas, e os diversos serviços que prestava aos brancos, as organizações negras procuravam dar outro significado às suas capacidades e beleza⁴⁵. Houve experiências no TEN e no Renascença Clube no Rio de Janeiro, no Aristocrata Clube em São Paulo e em outras importantes organizações negras que valorizavam e ressignificavam a imagem do corpo e do cabelo da mulher negra.

Em relação às manifestações da sociedade civil de Londrina na época de funcionamento dos bailes promovidos pela AROL, há um documento⁴⁶ destinado ao Presidente da Câmara Municipal de Londrina e outro ao Delegado de Polícia de Londrina, mostrando a angústia dos moradores vizinhos de um dos locais onde eram realizados os bailes promovidos pela AROL. Nesses documentos é deixado evidente que os moradores consideravam as reuniões festivas como “*famigeradas reuniões dançantes do baixo meretrício*” em que predominava a imoralidade e que promoviam a reunião de “*elementos de conduta pouca recomendável*”⁴⁷.

Atitudes como essa acabaram evidenciando o caráter tradicional e conservador da cidade de Londrina na época em que a AROL, um clube de negros, estava em pleno funcionamento e, mais ainda, a dificuldade da população negra da cidade em expressar a sua liberdade de lazer.

Há outro documento⁴⁸ que o Presidente da AROL, Dr. Oscar do Nascimento, envia ao Comandante da Guarnição do Corpo de Bombeiros de Londrina em que repudia a ação de dois soldados dessa mesma jurisdição, um deles fardado. Esses soldados promoveram arruaças que, segundo o Presidente da

⁴⁵ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Coletividades negras**: Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. São Paulo: Ciência e Cultura. 1977, p. 657.

⁴⁶ Carta de Introdução do abaixo-assinado dos moradores da rua Benjamim Constant e rua Mato Grosso do dia 08 de junho de 1967, Londrina- PR. Endereçada ao Presidente da Câmara Municipal de Londrina, assinada pelo presidente da associação de moradores João Schiavinatto.

⁴⁷ Informação retirada dos documentos concedidos pelo ex-presidente e ex-secretário geral da AROL, Dr. Oscar do Nascimento.

⁴⁸ Ofício nº 105/66, assinado pelo presidente da AROL, Dr. Oscar do Nascimento, destinado ao Comandante da Guarnição do Corpo de Bombeiros de Londrina, do dia 19 de setembro de 1966, Londrina-PR.

AROL, resultaram em danos materiais e morais. Essas situações expressam a intolerância da sociedade, executadas muitas vezes pela polícia, para com as pessoas pertencentes a grupos estigmatizados, nesse caso a população negra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POLÍTICA INTEGRALISTA DA AROL

Nos anos de 1980, a Câmara de vereadores revogou o decreto de doação do terreno onde se localizava a sede em que, nesse momento, não se realizava mais nenhuma atividade e pediu a reintegração de posse do terreno. Os antigos associados do Clube viram a necessidade de se reorganizar a fim de contestar essa decisão da prefeitura. Uniram-se, então, com o movimento negro, levando uma proposta de tombamento como patrimônio histórico de preservação da memória da comunidade negra da cidade. A proposta não foi considerada legítima e o terreno foi repassado para a Igreja do Evangelho Quadrangular, que demoliu a sede e nunca construiu meia parede no lugar. O projeto da igreja era construir uma creche, mas como não conseguiu cumprir as normas exigidas pela prefeitura abandonou o local após aproximadamente cinco anos.

A proposta do movimento negro, agora incluídos os antigos associados da AROL, não obteve sucesso na preservação do espaço físico para que fosse futuramente o museu do negro de Londrina. Essa aliança, porém, acabou sendo permanente, tanto que atualmente vem sendo realizado um baile de celebração à memória do Clube Negro e de seu líder, Manoel Cypriano. Esses bailes procuram manter vivo o significado da criação da AROL, dos personagens envolvidos no cenário de lutas de combate ao racismo, da discriminação racial e, especialmente, da afirmação de uma identidade negra.

Londrina é marcada por uma colonização recente (1929 e início da década de 30), comandada pela Companhia de Terras Norte do Paraná que comercializava os lotes de terra e atraía migrantes estrangeiros e nacionais⁴⁹. A busca por esses lotes visava à produção agrícola, possibilitando o enriquecimento dos imigrantes que possuíam o capital para investir, mas dificultando o acesso e o desenvolvimento de grupos que não detinham esse capital investidor, inclusive a população negra.

No Brasil, a terra sempre foi um meio de produzir riquezas e, portanto, sempre foram utilizados instrumentos para que ficasse em posse dos grupos hegemônicos, pois, se ela fosse democratizada e distribuída aos grupos

⁴⁹ FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 1. Editora Globo. São Paulo, 2008.

marginalizados, as riquezas que a terra produz não ficariam em posse de pequenos grupos. Entre esses grupos marginalizados, destaca-se a população negra, e, em vista do contexto racial no Brasil, não havia um interesse de se constituir uma classe média negra⁵⁰, até porque o Brasil ainda estava em um processo de branqueamento da população.

Nos registros oficiais⁵¹ da cidade, nota-se a tendência de preservar a memória dos grupos hegemônicos⁵², ressaltando-se os ingleses que contribuíram para a formação da cidade com o investimento de seu capital. Nesse contexto⁵³, os que se beneficiaram foram aqueles que puderam comprar seu lote de terra, e não destacados na história oficial como colonizadores da cidade. A característica da colonização de Londrina provavelmente foi influenciada pela ideologia de branqueamento⁵⁴ da população brasileira que imperava na época.

Essa ideologia de branqueamento da população brasileira foi institucionalizada por um decreto de Lei assinado por Getúlio Vargas em 18 de setembro de 1945. Segundo o autor Abdias do Nascimento, esse decreto regulava a entrada de imigrantes de acordo com "(...) a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia."⁵⁵

Através do discurso oficial presente nos livros de história sobre a colonização e o desenvolvimento da região norte do Paraná, surge a figura do “pioneiro” – aquele que primeiro desbravou a região, transformando-a com o plantio

⁵⁰ Para se consolidar uma classe média negra no Brasil, esse grupo deveria ter tido acesso a educação básica e superior, assim tendo acesso aos cargos de prestígio, como também a terra.

⁵¹ A trajetória da população negra de Londrina não é encontrada no museu da cidade, como também nos livros que recontam a trajetória dos grupos que contribuíram para a formação da cidade de Londrina.

⁵² Entendo como grupos hegemônicos aqueles grupos que, por terem investido capital financeiro para a formação da cidade, estabeleceram certa hegemonia sobre os grupos que não puderam fazer tal investimento. Entre esses grupos ressalta-se o dos ingleses, que, embora em pequeno número, possuía o poder financeiro. A maioria dos negros que veio para Londrina nesse período não conseguiu comprar um lote de terra e produzir para gerar riquezas. Pelo contrário, muitos vieram trabalhar como mão de obra para esses grupos que compraram um lote de terra, portanto a população negra de Londrina não se estabeleceu como grupo hegemônico da cidade.

⁵³ Além da migração europeia, ou seja, de ingleses, italianos, alemães etc, também deve ser ressaltada a migração interna de paulistas, mineiros e nordestinos.

⁵⁴ (...) não se pode negar que o discurso do embranquecimento está intimamente relacionado às aspirações da elite dominante no Brasil, e foi explicitado no apoio dado pelo Brasil para a política de imigração europeia no século XIX e durante as primeiras décadas do século XX (SEYFERTH, 1995) *in* Revista *Ágora* N.3, NOV-2008, A mistura das “raças”: o caso brasileiro – Francisco Carlos de Lucena.

⁵⁵ NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

do café, que se tornou um dos produtos que mais contribuiu para o desenvolvimento econômico dessa região. Portanto, valoriza-se a memória dos ingleses e de outros grupos considerados pioneiros, mas ao mesmo tempo ocorre o silenciamento da memória de uma população que contribuiu para a expansão da cidade, a população negra.

O ideal de branqueamento funcionou como um reforço simbólico dos estereótipos atribuídos à população negra e também obteve ampla aceitação popular, pois deu continuidade a um processo que condicionava o comportamento dos negros, através de esforços de branqueamento social e biológico. Esse, por sua vez, foi assimilado por algumas das organizações negras que surgiram nas primeiras décadas após a abolição.

A busca por alternativas à violência ajudou a estabelecer a concepção de cordialidade da população branca para com a negra, no entanto legitimou a dissolução das tensões raciais na cidade, o que se observou no decorrer deste texto é que esses dois grupos em Londrina convergiam quanto a isso.

Como no imaginário social os direitos e deveres sociais se conectam com a condição racial das pessoas, estas não só deveriam “saber o seu lugar” como também agir e viver de acordo com as conveniências, obrigações e com as imposições que essa condição racial permitia. Em suma, os padrões tradicionalistas das relações raciais adquiriram uma aparência de democracia, porém preservando a essência do antigo regime⁵⁶. Esse era o campo que a organização negra de Londrina, com seu método, buscava transpor.

O fato de se estabelecer uma cordialidade dos brancos para com os negros, isso fez com que algumas manifestações de racismo ficassem camufladas e adotassem algumas justificativas, por exemplo, o caso do Clube. Isso não quer dizer que essa escolha estratégica não fosse consciente.

O preconceito e a discriminação racial se constituem como consequências inevitáveis do escravismo. A persistência destes é interpretada, segundo Fernandes, como um fenômeno de atraso cultural e, evidentemente, possuem a função de manter a distância social e o padrão de isolamento sociocultural dos negros.

⁵⁶ *Ibidem.*

Neste trabalho somente ocorreu a apresentação das principais organizações negras que tiveram seu início a partir da década de 1930, como a FNB, para que nos ajudasse a compreender qual foi o pensamento em que se baseou o líder fundador da AROL, quando idealiza uma organização de cunho racial para Londrina.

Desde a chegada dos primeiros negros, vindos principalmente dos estados de São Paulo e Minas Gerais, esses negros se sentiam discriminados pelo fato de haver clubes recreativos frequentados somente pelos membros do poder público e do poder privado, majoritariamente branca, no qual os negros ou pobres seriam inibidos de entrar. Esses clubes tinham fortes obstáculos à entrada de sócios que não fossem de mesmo grupo social e econômico, no entanto o Sr. Cypriano, em Londrina, conseguiu conviver juntos com os próprios integrantes.

A esse respeito, a fala de Thales de Azevedo sobre a realidade baiana nos pode trazer elementos para a discussão que está em pauta:

“O preto propriamente preto não entra”, diz um informante, mas, se consegue ser aceito, o que é realmente excepcional nos clubes das classes mais altas, sente-se isolado nas reuniões e festas e tem que constituir, com os do seu tipo, um agrupamento nitidamente marginal⁵⁷.

No mesmo sentido da análise de Azevedo, é válido o sentimento de discriminação vivenciados pelos negros recém-chegados a Londrina, assim como o caráter de racismo cordial que imperava naquele momento, haja vista que a data da análise de Thales de Azevedo coincide, com poucos anos de diferença, com a data considerada nesse momento do processo de organização dos negros londrinenses. Outra forma de caracterizar o racismo à brasileira está no bloqueio ao ingresso de negros aos clubes recreativos, forma que se esconde em uma simples recusa à pessoa, como bem colocou Azevedo:

Muitos informantes [negros] afirmam que por sua própria iniciativa não se candidatariam a ingressar num clube social, mas que algumas vezes são propostos por amigos brancos. Pode suceder, todavia, que tais propostas fiquem sem solução quando as comissões de sindicância verificam que se trata se alguém “muito preto”. Os papéis morrem nas gavetas do clube, mas nunca se diz ao candidato o motivo real ou suposto da recusa⁵⁸.

⁵⁷ AZEVEDO, Thales. *As Elites de Cor: um Estudo de Ascensão Social*. São Paulo: Nacional, 1955.

⁵⁸ AZEVEDO, Thales. *As Elites de Cor: um Estudo de Ascensão Social*. São Paulo: Nacional, 1955.

É evidente que nem todos os casos podem ser interpretados, com análise limitada, como formas de peneiramento pela cor, mas é uma questão que gera conflitos e desconfortos para aqueles que foram submetidos a essa situação. De qualquer maneira, é uma situação de desconforto de âmbito coletivo e merece preocupação e desconfiança até no sentido de exercício intelectual.

Com relação ao peneiramento da cor, em Londrina, o líder fundador da organização negra de Londrina, não causava preocupação, poderia até parecer um aliado. Talvez, tinha-se a ideia de que ele pudesse mediar possíveis conflitos entre os trabalhadores para a elite, o Sr. Cypriano era um homem muito articulado, transitava em qualquer um dos lados.

Ainda assim, a AROL não perdeu seu caráter de vanguarda, ou seja, a forma como fez para conseguir a realização de seus interesses é questionável, mas também não tira seu valor de uma organização negra fundada em 1937, num contexto pouco propício para emergir concepções raciais.

Fica explícito nos depoimentos de sócios que o fato de pessoas com certa ascensão social frequentarem o Clube o valorizava; sejam essas pessoas da área do comércio, da educação enquanto universitários, advogados, médicos, editores e gráficos, como Victor Bosso e Francisco Tuma que eram também membros da diretoria. Esses dois senhores, tinham um jornal chamado Gazeta do Norte e faziam um trabalho de divulgação, bem como de autoridades públicas. Esse público, de certa maneira, também poderia distanciar negros pobres do desejo de associar-se. Tendo em vista essas questões podemos colocar entres os objetivos e as ações do Clube AROL a representação de uma parcela pequena da população negra de Londrina.

Na medida em que o racismo se transforma e se constitui enquanto arma política de intelectuais, governantes e elites econômicas, grupos de resistência se organizam na mesma medida. Assim como as organizações negras se reorganizaram no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 no Brasil, Também aconteceu com o movimento em Londrina. Houve uma guinada radical de concepções, pensamentos e surgiram diferentes formas de resistência negra.

Na cidade de Londrina, no norte do estado do Paraná, uma parcela da população negra se organizou na Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL, que era situada na Rua Araguaia, 146 – Vila Nova. Essa associação se

consolidou como um tanto quanto conservadora, não buscando alterar a estrutura social.

Uma fotografia do desfile das comemorações do 13 de maio de 1960 mostra um cartaz trazido por duas mulheres negras que diz: "AROL: pelos povos livres sem preconceito" (ver Figura 12).



Figura 12. Desfile de 13 de maio de 1960, na Rua Paraná – Londrina, Pr. No cartaz frase de protesto ao preconceito e a discriminação racial.

Observando-se as ilustrações do cartaz, é possível identificar em primeiro plano um homem negro quebrando as algemas, que pode ser interpretado como a contradição de ser livre das ocupações degradadas da escravidão, ou seja, um *pseudo* sentimento de liberdade, como se pudesse nesse momento ter *direito de dispor do tempo ou da pessoa de acordo com a própria vontade*⁵⁹, no entanto ainda preso às amarras do preconceito, que vão minando cotidianamente qualquer aspiração individual. É necessário, porém, elencar o caráter pedagógico do cartaz levantado pela AROL, que serve de incentivo a um compromisso coletivo de tornar visível, obviamente de maneira comportada e regulada, o descontentamento com esse elemento ainda não resolvido em Londrina.

O preconceito e a discriminação racial é um efeito que oculta uma situação contraditória a qual estrutura o processo de desenvolvimento social, econômico e político de todas as sociedades.

Uma reportagem do jornal Folha de Londrina sobre o referido desfile, datado de 13 de maio de 1960, chama a atenção do pesquisador Oliveira em seu trabalho sobre o movimento negro londrinense intitulado O Mito da Democracia Racial: Um olhar sobre os movimentos negros em Londrina – 1940-1990. O autor assim destaca o anúncio da referida reportagem "13 de maio: 72 anos de libertação e integração"⁶⁰:

Apesar da data não ser um feriado oficial o prefeito "condignamente" lembrou-se de comemorá-la. O jornalista já havia praticamente justificado a atitude do prefeito, na manchete, ao lembrar o aspecto de após a abolição houve uma integração dos negros na sociedade brasileira⁶¹.

O autor desse trecho destacado mostra ao leitor mais atento a intenção da imprensa da época em reproduzir um tipo ideal de sociedade em que harmonia e democracia racial formam a dádiva da mudança social no Brasil, nesse caso de Londrina. O jornalista apropriou-se de um discurso oficial que afirma que os escravizados, após serem libertados com a assinatura da princesa, foram integrados a essa nova ordem social competitiva, o capitalismo.

⁵⁹ BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1955, p. 69.

⁶⁰ OLIVEIRA, José Donizetti B. de. O mito da democracia racial: um olhar sobre os movimentos negros em Londrina – 1940 – 1990. Dissertação de Mestrado, UEL, 2002., p. 84.

⁶¹ Ibidem.

O discurso que enaltece o compromisso do prefeito com as comemorações do 13 de maio de 1960, de certa forma, também pode ser observado no depoimento de Oscar do Nascimento sobre esse desfile da AROL: "No 13 de maio, houve até época que foi decretado feriado municipal, para que a AROL pudesse fazer suas manifestações, fizesse a promoção da cultura". Parece que nesta fala se reproduz um discurso semelhante ao do artigo do jornal Folha de Londrina, no qual onde a benevolência do prefeito abre a cena das comemorações, e principalmente, coloca em segundo plano a possibilidade dos negros de organização. Não se está dizendo que o próprio movimento deva ser encarado enquanto coadjuvante nesse desfile, porém o depoimento destacado fornece todo o protagonismo a uma autoridade pública.

Na primeira reunião da Associação Operária e Recreativa de Londrina, nome provisório a ser aprovado em Assembleia, na qual estão presentes nesse 20 de setembro de 1957 os senhores Cypriano Manoel, Ernesto Gonçalves Mendes, David Marujo, Oscar Nascimento e José Viera Barbosa fica designado que seja composta uma diretoria provisória. Essa diretoria provisória ficaria incumbida de elaborar os estatutos. Antes, no entanto, foi designado aos senhores Cypriano Manoel, Ernesto G. Mendes e David Marujo que comparecessem à Prefeitura Municipal para reivindicar o recebimento da contribuição financeira que havia sido prometida anteriormente, visto que o Prefeito ofereceu apoio e incentivou a criação da Associação de congregação dos operários.

A diretoria provisória ficou assim constituída: Cypriano Manoel – Presidente; Ernesto G. Mendes – Vice Presidente; Mario Lubrandi – Secretário Geral; David Marujo – 1º Tesoureiro; Carlos Capel – 2º Tesoureiro e Oscar Nascimento – Secretário.

Aprovado o nome pelo qual ficou conhecida a Associação Recreativa Operária de Londrina – AROL, aprova-se o Extrato de Estatutos e elege-se em assembleia, no dia 19 de dezembro de 1957, a Chapa Liberal para a diretoria do Clube. Como nesse momento não havia mais nenhuma inscrição, a chapa Liberal foi eleita com manifestação unânime e incorporada aos Estatutos, ficando assim constituída:

Presidente -----	Cypriano Manoel
1º Vice Presidente -----	Ernesto G. Mendes
2º Vice Presidente -----	Roberto Martins Alves

Secretário Geral -----	Oscar do Nascimento
1º Secretário -----	José Jaime Enz
2º Secretário -----	Peroy Eloy
Tesoureiro Geral -----	David Dionísio Marujo
1º Tesoureiro -----	Joaquim Ferreira da Silva
2º Tesoureiro -----	Carmelo P. Truccolo
Diretor de Patrimônio -----	Victor Bosso
Diretor de Cursos -----	Francisco Tuma
Diretor de Propaganda -----	Genesi Souza Guimarães
Orador -----	José Vieira Barbosa
Bibliotecário -----	Carlos da Cunha Capella

Conselho Fiscal

Gustavo Luiz Jorke
José Augusto de Almeida
Oscarlino Tomas

Segundo certidão emitida em cartório consta, no Livro PJ de Registro Civil, Folha nº 153, uma inscrição de nº 127, datada de 29 de novembro de 1957. O documento inscrito constitui um Extrato dos Estatutos da Associação de Recreação Operária de Londrina – AROL, sediada na cidade de Londrina, PR. De acordo com o estatuto em questão, é uma associação beneficente e sem fins lucrativos, a fim de *proporcionar a seus associados recreação, reuniões cívicas, culturais, estudos, bem como manter intercâmbio com outras entidades congêneres, enfim tudo que venha engrandecer a associação para o bom estar de seus afiliados*⁶².

Art.1º Para realização dos seus objetivos:

- a) Proporcionar recreação de toda a natureza, tais como jogos de toda espécie não proibido por lei, bailes, reuniões cívicas e culturais, palestras, congraçamentos e conferências.
- b) Todas as diversões citadas visam ao bem estar dos operários;
- c) Organizar bibliotecas, discotecas, sala de leitura e de jogos para o sócio e sua família;
- d) Intercâmbio cultural e recreativo com entidades da mesma natureza ou semelhante, dentro e fora do país;
- e) Empenhar todos os recursos para manter a união e bem estar da classe operária;
- f) Organizar Departamentos de beneficência aos sócios⁶³.

⁶² Estatuto da AROL registrado em cartório em 29 de novembro de 1957.

⁶³ Texto retirado na íntegra do Estatuto da AROL.

Se os elementos levantados no trecho acima tivessem sido concretizados e se fosse considerada a conjuntura em que os negros se organizaram no Clube Quadrado e na Associação Beneficente Princesa Isabel em Londrina (década de 30, 40 e início dos anos 50), assim como o sentimento que os negros membros da AROL (década de 50 e 60) tinham de se libertar das amarras da discriminação e do preconceito, aí a comunidade negra londrinense teria como participar efetivamente do que a sociedade tem a oferecer.

É importante destacar que houve um Cypriano Manoel que foi o precursor do debate sobre o racismo em Londrina e este líder esteve lutando no Quadrado, na Princesa Isabel e, até sua morte em 1964, na AROL. Por mais que Cypriano Manoel liderasse na AROL e lutasse para que houvesse uma integração do negro, sem o rompimento com as estruturas já estabelecidas, ele desempenhou um papel importante nas relações raciais na cidade.

A sua junção, porém com os sindicatos de Londrina impulsionou mais ainda a AROL a começar a colocar o debate racial em um plano secundário, mas não o marginaliza, sobretudo porque a sociabilidade entre os negros nos bailes promovidos pelo Clube é um importante instrumento de resistência a um idealizado padrão de beleza na sociedade. A promoção da beleza negra, especialmente, foi o papel melhor desenvolvido pela AROL para agregar uma população que, desde que fora escravizada, foi subestimada e apresentada de maneira negativa e desvalorizada.

A intenção foi colocar a beleza negra e a beleza branca em um mesmo patamar de valorização, assim o mostraram para a sociedade londrinense quando sua rainha negra foi disputar com a rainha de um clube da elite da cidade. A AROL, mesmo ciente de que sua rainha iria ganhar a fase para representar Londrina em um concurso estadual de beleza, compartilhou o 1º lugar com a outra participante da elite da cidade.

Outra questão que se deve retomar no que se refere à agora Associação de Recreação Operária de Londrina, juntamente com o Estatuto elaborado para os trabalhos, é o que foi registrado em Ata da primeira assembleia. Foi designado a algumas lideranças "que comparecessem a Prefeitura Municipal para confirmar uma contribuição financeira, visto que, o Prefeito ofereceu apoio e incentivou a criação desta Associação de congregação aos operários". De certa

forma a mudança do nome do clube atendeu não só as expectativas dos associados como, evidentemente, da elite da cidade, aqui representada na figura do prefeito. Em depoimento, Oscar do Nascimento traz mais elementos para esta discussão:

Na época o prefeito Fernando Sobrinho era muito entusiasta na causa, muito entusiasta com a classe operária, a classe negra, os afrodescendentes, a prefeitura ajudou muito. O terreno da AROL, ele [o prefeito] não doou legalmente. Doou o terreno, mas não doou legalmente, assim: agora nós temos esse terreno e vocês vão construir a AROL aqui e a prefeitura vai ajudar, dar uma mão, mas tinha que passar pela Câmara, passou e foi construído, eles ajudaram... A estrutura era de madeira, parte daquela madeira foi destinada para a sede e a outra metade foi para o Corpo de Bombeiros que estava sendo formado na época aqui em Londrina. Então, também teve muita ajuda da Companhia de Terras, porque o Manoel Cypriano era funcionário da Companhia de Terras e como ele foi um ótimo funcionário a Companhia ajudou muito na construção da sede da AROL. Houve muitas pessoas também do comércio... Houve uma ajuda coletiva, cooperou-se muito para que houvesse o Clube AROL⁶⁴.

Fernando Sobrinho era tido como o prefeito dos trabalhadores, um elemento importante para que possamos indagar: Qual seria o motivo de tanta colaboração com um grupo estigmatizado na sociedade? A resposta mais cabível é a convergência de interesses.

Segundo Florestan Fernandes, no Brasil criou-se o melhor de dois mundos. Ao mesmo tempo que se mantém uma tradição escravocrata que privilegia o branco e subordina os negros, evita-se em mesma medida formar esses últimos enquanto raça como princípio de identificação coletiva e ação política. Essa eficácia da ideologia racial que fundamenta a sociedade brasileira é revelada na ausência de conflitos raciais explícitos e, especialmente, no que importa sobre a AROL, na escolha política dos negros em Londrina, muito próxima aos pensamentos do início da FNB em São Paulo, que incitaram inevitavelmente a mediação de conflitos. Nesse sentido, sem qualquer grau de coerção, os elementos racistas que imperam no sistema permaneceram sem contestação, pelo menos até surgir a configuração que se tem hoje de Movimento Negro.

⁶⁴ Trecho de entrevista concedida por Dr. Oscar Nascimento, em 24 de fevereiro de 2015.

Mesmo que o pensamento que sustentou e norteou as ações da AROL fosse equivocado, não se pode de maneira alguma optar por simplesmente ocultar elementos de um passado de que não nos orgulhamos, ou mesmo desconsiderá-los, como se os equívocos, com o tempo, por si mesmos caíssem no esquecimento. A Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL se ergueu sobre bases e ideais bem definidos de pertencimento racial e nacional, essa foi sua essência.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, G. R. **O Protesto político negro em São Paulo (1888-1988)**. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n.21, p.27-48, 1991.
- ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo, anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina 1930-1975*. Londrina: Eduel, 1998.
- AZEVEDO, Thales. *As Elites de Cor: um Estudo de Ascensão Social*. São Paulo: Nacional, 1955.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: um olhar sobre São Paulo*. São Paulo: Educ, 1998.
- BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria dos sistemas de ensino. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
- BONI, Paulo César. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: edição do autor, 2004.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Depoimentos de seus diretores em setembro de 1975**. São Paulo - SP.
- CUTI. ... **E disse o velho militante José Correa Leite**. Secretaria Municipal de São Paulo: Cultura, 1992.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura**: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. 400p
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura**. São Paulo: Contexto, 2007.
- DOMINGUES, Petrônio José. **A insurgência de ébano**: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937). 2005. Tese (doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.

DOMINGUES, P. **Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação.** V. 13, n. 39, p. 19, 2008.

DOMINGUES, P. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil.** p. 30, 2006.

DOMINGUES, Petrônio. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, Rio de Janeiro, Departamento de História-UFF, n. 23, 2007, pp. 113-135.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 1. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos.** São Paulo: Global, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Brancos e Negros em São Paulo.** São Paulo: Global, 2007.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades no Brasil.** 2ª edição. Belo Horizonte: Humanitas, 2005.

IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo.** São Paulo: HUCITEC, 1978.

JOFFILY, José. *Londres-Londrina.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEME, Edson Holtz. *Noites ilícitas: histórias e memórias da prostituição.* 2. ed. Londrina: Eduel, 2009.

LUCRÉCIO, Francisco. Memória histórica: a Frente Negra Brasileira. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 83, n. 3, p. 332-342, maio/jun. 1989.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

MOURA, Clóvis. Organizações negras. *In:* SINGER, Paulo; BRANT, Vinicius Caldeira (Orgs.). *São Paulo: o povo em movimento.* Petrópolis: Vozes, 1980. p. 143-175.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: Quilombos Insurreições Guerrilhas.** 3ª edição. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje.** Belo Horizonte: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** – 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, kabengele. **Negritude: Usos e sentidos.** 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documento de uma militância pan-africanista.** Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, José Brandino de. **O Mito da Democracia Racial: um olhar sobre os movimentos negros de Londrina – 1940-1990.** Tese de Doutorado. UEL/UEM: 2002.

OLIVEIRA, José Donizetti B. de. **O mito da democracia racial: um olhar sobre os movimentos negros em Londrina – 1940 – 1990.** Dissertação de Mestrado, UEL, 2002.

PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Círculo do Livro, 1976

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Coletividades negras: Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo.** São Paulo: Ciência e Cultura. 1976, pp. 647.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O Movimento Negro e a crise brasileira. Política e Administração**, v. 2, p. 287-307, jul./set. 1985.

SEYFERTH, Giralda. **Racismo e o ideário da formação do povo no pensamento brasileiro.** *Cadernos PENESB*, n. 4, p. 13-32, 2002.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas.** São Paulo: Contexto, 1998.

SINGER, Paul – “Radiografia da „democracia racial” brasileira”. **Racismo Cordial. A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil.** TURRA, Cleusa; VENTURINI, Gustavo, organizadores – São Paulo: Editora Ática, 1995.

SINGER, P.; BRANT, V.C. (org) **São Paulo: o povo em movimento.** Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA, Joselina da. **"A União dos Homens de Cor: Aspectos do Movimento Negro dos Anos 40 e 50".** *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n. 2, 2003, pp. 215-235.

SILVA, Joselina da. **O clube dos negros.** *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares.* Rio de Janeiro: UERJ. 2000, pp. 47.

SILVA, Maria Nilza da; Panta, Mariana. **O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva - a presença negra pioneira em Londrina.** Londrina: [s.n.], 2010.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, v.4, 1983.

TOMAZI, Nelson Dácio. *“Norte do Paraná”*: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

YAMAKI, Humberto. *Iconografia londrinense*. Londrina: Humanidades, 2003.

WIEVIORKA, M. **O Racismo, uma introdução**. [tradução Fany Kon]. São Paulo: Perspectiva, 2007

ANEXOS

Ver no impresso